

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: MESTRADO
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização

**A IDENTIFICAÇÃO COMO EFEITO DO PROCESSO TRADUTIVO DA
SEDUÇÃO ORIGINÁRIA**

Marina Pinto de Paula

MARINGÁ

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: MESTRADO
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização

**A IDENTIFICAÇÃO COMO EFEITO DO PROCESSO TRADUTIVO DA SEDUÇÃO
ORIGINÁRIA**

Dissertação apresentada por Marina Pinto de Paula, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração: Psicanálise e Civilização, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para o título de Mestre em Psicologia.

Orientador:
Prof. Dr. GUSTAVO ADOLFO RAMOS MELLO
NETO

MARINGÁ

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

P324i Paula, Marina Pinto de
A identificação como efeito do processo tradutivo da
sedução originária / Marina Pinto de Paula. -- Maringá,
2011.
100 f.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.

1. Identificação. 2. Sexualidade. 3. Teoria da Sedução
Generalizada. I. Mello Neto, Gustavo Adolfo Ramos, orient.
II. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed.: 616.8917

MARINA PINTO DE PAULA

**A IDENTIFICAÇÃO COMO EFEITO DO PROCESSO TRADUTIVO DA SEDUÇÃO
ORIGINÁRIA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto (Orientador) –
UEM

Dra. Viviana Carola Velasco Martinez - UEM

Dr. Luiz Carlos Tarelho - UNIBAN

Maringá
Março de 2011

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer gentilmente aos coordenadores do Laboratório de Psicanálise e Civilização da Universidade Estadual de Maringá, Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, pela escuta atenta que me dedicaram nas diversas apresentações e modificações deste trabalho, assim como pela paciência em esperar meu amadurecimento para realizá-lo.

Também agradeço, com imenso carinho, aos integrantes do Laboratório, que sempre contribuíram com opiniões e sugestões, tornando-se decisivos para a execução da tarefa proposta.

A Ivan, meu marido, meus sinceros agradecimentos, pela compreensão do tempo dedicado ao Mestrado e também pela ajuda irrestrita na procura da bibliografia e com todos os outros cuidados que me foram dispensados. À Alice, que desde já, me faz querer melhorar a cada dia.

Monica e Luanza, minhas companheiras durante o cumprimento dos créditos, obrigada pelo apoio e pelas risadas.

E, por fim, meus sinceros agradecimentos também se estendem àqueles que, de alguma forma, contribuíram, direta ou indiretamente, para concretizar esta dissertação.

PAULA, M. P. de. **A identificação como efeito do processo tradutivo da sedução originária.** 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto. Maringá, 2011.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo realizar uma proposta de concepção da identificação para a Teoria da Sedução Generalizada através de um exame na obra de Freud. Com um cuidadoso resgate das identificações propostas por Freud, supomos que o elemento comum a toda identificação, não apenas a histórica, é de caráter sexual, uma sexualidade intrusiva e descentralizada, proveniente do outro. Esta sexualidade, presente nas mensagens sexuais enigmáticas do adulto, será posteriormente traduzida pela criança. Propomos, portanto, que a identificação é um dos efeitos de tradução dessas mensagens, o que ressitua o papel de atividade e passividade no processo identificatório. A utilização da ideia laplancheana dos mitos como organizadores das angústias e, ao mesmo tempo, processos recaladores, nos levou a considerar a identificação também como um processo recalador. Por fim, estabelecemos uma análise a respeito das identificações produzidas entre adultos a partir do estudo das massas elaborado por Freud.

PALAVRAS - CHAVE: Identificação, sexualidade, Teoria da Sedução Generalizada

PAULA, M. P. de. **The identification that effect of the translation process of seduction original**. 2011. 100 f. Dissertation (Master Degree in Psychology) - State University of Maringá. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto. Maringá, 2011.

ABSTRACT

This study aimed to carry out a proposal for the concept of identification for the Generalized Theory through Freud's work examination. With a careful identification of the bailout proposed by Freud, we assume that the element common to all identification, not only hysterical, it's sexual, an intrusive and decentralized sexuality from the other. This sexuality, that is in the enigmatic sexual messages of the adult, will eventually be translated by the child. We therefore propose that the identification is one of the possible translation of these messages, which resituating the role of activity and passivity in the identification process. Using the Laplancheana's idea of myth as organizers of distress and, at the same time, repressed processes, let us to consider the identification process as well as repress process. Finally, we established a review on the identification of adults produced from the study of mass established by Freud.

KEYWORDS: Identification, sexuality, Theory of Generalized Seduction

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PANORAMA DA "TEORIA" DA IDENTIFICAÇÃO EM FREUD.....	13
1.1 A identificação primária em Freud	13
1.2 A identificação secundária em Freud	18
1.2.1 A identificação em um ponto comum: a identificação histérica	19
1.2.2 A identificação com o objeto: o complexo de Édipo	22
1.2.3 Identificação com o rival.....	27
1.3 Uma breve recapitulação das identificações em Freud.....	27
CAPÍTULO 2 - TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE .	31
CAPÍTULO 3 - A IDENTIFICAÇÃO E TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA	53
3.1 Passividade e atividade na sedução e na identificação: o sujeito e o outro ...	53
3.2 O sexual nos processos estruturantes de identificação e sedução	58
3.3 Os mitos e a identificação.....	64
3.4 Identificação como tentativa de elaborar a sedução.....	66
CAPÍTULO 4 - IDENTIFICAÇÃO COMO PROCESSO TRADUTIVO NO VÍNCULO SOCIAL: uma hipótese.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

É fácil perceber a enorme extensão da problemática da identificação: ela atinge o infinitamente pequeno da fomentação de um sintoma, de um lapso ou de um sonho, tanto quanto o infinitamente grande da sexualização e da ética (FLORENCE, 1987/1994, p. 142).

Este trabalho tem por objetivo investigar o tema da identificação na obra de Freud e colocá-lo em relação à Teoria da Sedução Generalizada (TSG) de Jean Laplanche. A partir da pesquisa em torno do conceito de identificação e de sua análise através da teoria laplancheana, a hipótese defendida é de que a identificação é o efeito de um processo de tradução das mensagens enigmáticas do adulto, a sedução propriamente dita, dirigidas à criança.

É importante ressaltarmos que, para chegar a esta hipótese, tal como foi formalizada, vários caminhos foram percorridos. Primeiramente o nosso interesse centrava-se no tema da identificação. Este conceito, na obra freudiana, não se encontra disposto de maneira clara e didática, e existe apenas um capítulo¹, em toda a sua extensa obra, exclusivamente dedicado a este tema. Laplanche (1980/1993) já apontava que a identificação é um tema central na psicanálise, porém sua definição nunca foi suficientemente completada e elaborada por Freud e nem por seus sucessores. Ribeiro (2000), neste sentido, afirma:

Podemos assim afirmar que o conceito de identificação cumpre um papel de sustentação da estrutura teórica da psicanálise, sem que, no entanto, tenha sido consolidado metapsicologicamente, sem que tenha uma existência efetiva do ponto de vista estritamente conceitual, como se fosse um pilar teórico cuja fôrma tivesse sido moldada e colocada no lugar que lhe era reservado, mas que jamais tivesse se concretizado, permanecendo indefinidamente à espera da elaboração que viria conferir uma consistência compatível com sua importância (p. 12).

¹ Capítulo intitulado Identificação e se encontra em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921).

As primeiras dúvidas que surgiram gravitavam em torno de questões como: O que é realmente identificar-se? Com o que se identifica? A partir do que ocorre o processo de identificação?

Para poder responder a esses questionamentos, realizamos uma busca minuciosa em toda a obra de Freud pelo tema da identificação. Consultamos o índice remissivo da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud e também a Edição Eletrônica, através do item consulta, com a palavra identificação. A procura por esta palavra em toda a obra de Freud teve a intenção de efetuar-se uma leitura cronológica e a partir dela problematizar e interpretar os escritos psicanalíticos sobre a identificação.

Contudo, após a compreensão dos escritos freudianos a respeito da identificação, percebemos que a análise freudiana não avança sobre os motivos inerentes à identificação, apesar de formulá-la como um processo que vem substituir um objeto abandonado, deixando vaga a causa mesmo deste processo. Freud, ao descrever a identificação como um mecanismo praticamente automático, também prioriza o sujeito que a realiza.

Ao estudar a identificação também percebemos o quanto o sexual está impregnado neste conceito, aspecto que fortalece nossa hipótese da identificação como tradução das mensagens sexuais emitidas pelo adulto à criança. Muitas vezes, ainda, a identificação foi comparada com a sublimação, no sentido em que as duas resultariam em uma dessexualização da pulsão. Em Freud, também, o aspecto sexual e o papel do outro no processo identificatório, apesar de presentes, muitas vezes aparecem disfarçados, confusos e sem ganhar prioridade alguma.

Assim, quando entramos em contato com a Teoria da Sedução Generalizada - TSG - de Laplanche, vários pontos que se encontravam obscuros na teoria da identificação começaram a ganhar novas perspectivas e possibilidades de argumentação e análise. A TSG nos permitiu ter uma visão mais completa acerca do papel do sujeito, do outro e do sexual no processo identificatório, assim como nos levou a tecer possíveis contribuições a respeito do estudo da identificação. E o contrário também é relevante, ou seja, a TSG como teoria, sempre em constante construção e discussão, pode ganhar novos questionamentos a partir da análise da identificação como processo tradutivo da sedução originária.

Enfim, nossa hipótese surgiu do estudo e do encontro entre a identificação em Freud e a Teoria da Sedução Generalizada, procurando trazer algumas

contribuições para a história do pensamento e da prática psicanalítica, pois o entendimento da identificação como processo de tradução das mensagens sexuais enigmáticas está vinculado necessariamente à clínica. Isto porque, na prática cotidiana do analista, o analisando mostra suas identificações, aquelas derivadas do complexo de Édipo e outras expressas nos sintomas neuróticos. Laplanche (1997b) afirma que a situação analítica é constituída de ausência e simbolização, prevendo uma necessária religação produzida pelo ego. Propondo a identificação como possibilidade de religação e tradução pelo ego, estamos, evidentemente, nos remetendo ao campo clínico. Quanto a isso, Ribeiro (2000) afirma: "...uma melhor compreensão dos fenômenos identificatórios tem o poder de elucidar uma série de questões ligadas à clínica" (p. 6).

No primeiro capítulo do presente trabalho mostraremos um panorama das identificações propostas por Freud em toda a obra.

No segundo capítulo abordaremos as contribuições da Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, de maneira que possamos realizar a análise da identificação no terceiro capítulo, o qual será constituído de quatro (4) subitem. No primeiro subitem, os aspectos de passividade e atividade do sujeito e do outro no processo identificatório e na situação antropológica fundamental (SAF) serão relacionados, para se discutir como estes dois polos presentes se comportam frente a esta antítese. No subitem seguinte, trabalharemos com a ideia de estruturação presente na identificação e na sedução, ressaltando suas similaridades e divergências. Ainda, apresentaremos a proposta da sexualidade como elemento indispensável no cerne destes dois processos. No terceiro subitem, será analisada a identificação a partir da visão laplancheana dos mitos originários. Procuramos salientar que os mitos, assim como a identificação, encontram-se ao lado do recalcante e não do recalcado. No último subitem, voltaremos à nossa hipótese, a fim de analisar como a identificação situa-se na teoria laplancheana e investigaremos se ela pode ser considerada um processo de tradução da sedução.

No quarto capítulo, discutiremos de que modo a identificação, como processo tradutivo das mensagens enigmáticas do outro, pode ser confrontada com a ideia da identificação como base para os sentimentos sociais, proposta por Freud.

CAPÍTULO 1 - PANORAMA DA "TEORIA" DA IDENTIFICAÇÃO EM FREUD

Como ponto de partida desta pesquisa, apresentaremos os tipos de identificações, tais como Freud as propõe para, em seguida, discuti-las nos outros capítulos. O título sugerido supõe uma teoria da identificação em Freud; contudo, o próprio autor se revela insatisfeito, ao final de sua obra, com o esclarecimento e as construções teóricas acerca do tema, sem sentir-se seguro em afirmar a existência de uma teoria a este respeito.

Dias (2009), no livro *Identificação e enlaçamento social: a importância do fator libidinal*, propõe responder se há a presença, em Freud, de uma teoria a respeito do tema, e, por fim, acredita que existem elementos balizadores para um arcabouço teórico consistente, apesar de introduzir para avançar em Freud, segundo ela, conceitos lacanianos, mas não confere o status de teoria à identificação.

Não obstante tais considerações, parece-nos apropriada a escolha do título, para este capítulo, porque mesmo considerando a inexistência, em Freud, de uma teoria completa acerca da identificação, foi possível fazer o levantamento de sugestivos elementos pontos sobre o tema. Para tanto, utilizamos uma organização proposta por Laplanche (1993/1980), no livro *A angústia*, dos tipos de identificação na obra freudiana.

Primeiramente será apresentado o que Laplanche (1980/1993) denomina de identificação primária, embora ela não seja a primeira identificação proposta por Freud, em sua obra, em termos cronológicos. Entretanto, se pensarmos em certa cronologia da história do sujeito, isto é, na ordem do tempo e dos fatos na vida do indivíduo, ela é, para Freud, uma identificação antecedente a qualquer outra, portanto, primária.

1.1 A IDENTIFICAÇÃO PRIMÁRIA EM FREUD

Em *Três ensaios sobre a sexualidade*, Freud (1905/1996) utiliza pela primeira vez o conceito de identificação no sentido de um derivado ou evolução do conceito de incorporação, como se pode ver:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto — modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante (p.187).

Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1996) afirma novamente que na fase primitiva do indivíduo, a fase oral, a catexia e a identificação não se distinguem, afirmação que também se encontra presente em *Psicologia de grupo e Análise do Ego*, em 1921. Confere a estas identificações da primeira infância efeitos mais intensos e duradouros, pois o ego se encontra mais frágil e sem as resistências posteriores.

Esta noção canibalesca, ou seja, a incorporação do objeto, presente na fase oral, é também discutida em *Totem e Tabu* de 1913. Ao escrever sobre o totemismo, Freud sugere que a incorporação e a identificação, ou mesmo a recusa de incorporação, pelos integrantes de um clã com um totem (animal, vegetal, fenômeno da natureza) - totem que ocupa o lugar do pai - estão pautadas em uma crença mágica ou religiosa. Estas crenças pressupõem que através da identificação com o totem há um empréstimo de suas qualidades.

Tomado como protótipo do totemismo positivo na infância, Árpád, paciente de Fèrenczi, cujo caso é retomado por Freud, identifica-se com uma galinha, "tornando-se" ele mesmo a própria galinha, cacarejando e voltando seu interesse exclusivamente a elas, embora também possuísse um sentimento bastante ambivalente em relação ao seu totem, adorando participar das matanças às galinhas. É por meio deste exemplo que Freud (1913/1996) ilustra a função de pai original que o totem ocupa no clã e, ainda, a relação de ambivalência que cada um dos integrantes tem em relação a ele. Nas palavras do autor: "O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força" (p. 145).

Laplanche (1980/1993) aponta que é justamente em *Três Ensaio sobre a*

sexualidade e em *Totem e Tabu* que Freud expõe a noção de identificação primária de maneira mais explícita, algo que, segundo o autor, para os psicanalistas é um mito.

Como diz Laplanche (1980/1993): “Com efeito, é na relação oral, que Freud vê o caso exemplar - talvez o caso único - dessa identificação primária, que é ao mesmo tempo relação com o outro e assimilação com o outro” (p.303).

Esta relação oral com o objeto tem uma reflexão assentada na noção de canibalismo, pois, de acordo com Laplanche (1980/1993), nesta fase amar o seio é ingerir o seio, é fazer entrar em si, portanto o amar e o incorporar são processos, nesta fase, praticamente análogos. Mas neste canibalismo encontra-se algo extremamente ambivalente, como vimos com o menino Árpád, pois ao mesmo tempo em que se ama se introjeta e, para tal, é necessário que antes se destrua.

Laplanche (1980/1993) aponta que “o canibalismo é, num só movimento, amor e destruição do objeto para ingeri-lo” (p. 303), e desse movimento resulta a incorporação que é a fixação do objeto dentro de si. Para o autor, esta identificação pode influenciar todo o estilo das identificações secundárias no sujeito: “refeição totêmica ou comunhão, a identificação secundária - e, agora, identificação com o homem - é marcada, em seu próprio processo, pela identificação primária, pela identificação com o seio materno” (p. 304).

Apesar de encontrarmos uma alusão ao seio materno, Laplanche (1980/1993) não acredita que ela seja o modelo da identificação primária em Freud, embora não deixe de se constituir como uma, já que para o autor identificação primária se traduz, por excelência, por relação canibalesca.

A identificação primária, para Freud (1923/1996), em *O Ego e o Id*, é a identificação com o pai em sua pré-história, e essa é a identificação mais importante na vida do indivíduo. Segundo Bass (2001), a pré-história pode ser entendida como um esquema hereditário em Freud e se refere a uma experiência anterior à existência do sujeito. Todavia, Freud não expressa esta concepção de pré-história de modo explícito, sendo possível também entender a pré-história como uma história anterior à vida adulta.

Freud (1923/1996) diz: “Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto” (Freud, 1923/1996, p. 44).

Após a descrição desta identificação com o pai na pré-história do sujeito, direta e imediata, antecedente a qualquer tipo de investimento libidinal, Freud (1923/1996) acrescenta uma nota de rodapé afirmando que seria melhor considerarmos esta identificação com os pais, já que a criança ainda não faz a distinção sexual entre eles. Nesta mesma nota de rodapé, Freud conta um caso de uma moça casada que julgava que sua mãe ainda possuía pênis, supondo inexistente nas mulheres que julgava inferiores. Após o relato desta história, Freud diz que o prosseguimento do texto, por questão de simplificação, irá centrar-se na identificação com o pai.

Esta é uma das passagens mais nebulosas, além de outras que veremos, concernente à identificação na obra freudiana, devido a várias afirmações confusas de Freud, como vimos no parágrafo acima, aspecto também ressaltado por Laplanche (1980/1993).

Esse autor considera a noção de identificação primária, exposta em o *Ego e o Id*, bastante obscura. Esta é, pois, diz-nos, a única passagem em que Freud utiliza a expressão identificação primária, definindo-a como extremamente antiga e direta, antes de qualquer tipo de investimento de objeto.

Laplanche (1980/1993) ressalta que o fato de Freud primeiramente afirmar que a identificação e o investimento do objeto eram coincidentes em uma primeira etapa e depois sustentar que a identificação primária viria antes que qualquer investimento de objeto é por si só bastante curioso.

Veamos esta primeira afirmação de Freud (1923/1980): “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra.” (p. 42). É possível entender então que a introjeção do seio não seja o modelo da identificação primária, pois é definida por Freud como antecedente a qualquer investimento de objeto. Talvez seja possível supor, apesar da falta de nitidez acerca da ideia da pré-história pessoal, que o modelo de identificação primária é a identificação com o pai da pré-história pessoal do indivíduo.

Portanto Laplanche (1980/1993) considera esta passagem contraditória e diz que ela nos indica uma brecha de algo do inconsciente de Freud, pois ela nos revela contradições e racionalizações, já que primeiro remete-se à identificação com o pai, depois com os pais e por fim somente com o pai. A interpretação de Laplanche (1980/1993) assim se dá:

De modo que, de uma passagem como essa, extrairei (numa escuta interpretativa), espécie de fragmentos, que será necessário conseguir unir, ponta com ponta, para se entender o que aí se tenta expressar. Antes do Édipo (estamos antes do Édipo, isso é explicitamente indicado), existe uma “pré-história pessoal” (com todo o enigma dessa expressão, pois geralmente Freud emprega pré-história para designar a pré-história coletiva em relação ao indivíduo - a do Édipo da humanidade. Ora, aí falamos de uma pré-história pessoal. Onde se situa? É a primeira infância que assim se designa? Por que não “história”? Será que apenas designa então, o que se inscreve da história pessoal antes de sua história?). Há, portanto, uma pré-história pessoal em que está presente, sob uma certa forma, o pai, ou ainda: pré-história que se passa antes do “conhecimento certo da diferença dos sexos”, mas em que, não obstante, há uma certa pregnância do pênis; sem que este entre em uma categorização dos sexos (o que é muito difícil de conceber) mas como marca de uma certa idealização; talvez como símbolo de potência. Vocês estão vendo que não avançamos muito com Freud, mas que, não obstante, temos um certo número de indícios que poderiam permitir - com a ajuda de outros resultados e outros analistas - pressentirmos o que aí procurava exprimir-se (pp. 319-320).

Vale acrescentar as contribuições de Ribeiro (2000) acerca da identificação ao pai da pré-história pessoal. O autor afirma que desde os escritos sobre o narcisismo, em 1914, a relação entre narcisismo e identificação narcísica ganhou grande importância nos textos freudianos, mesmo que isso não tenha se manifestado de maneira explícita. A mãe, considerada como objeto primário, delineava na obra freudiana a associação do narcisismo à identificação feminina primária. Contudo, pensa Ribeiro (2000), Freud quis que sua teoria se desprendesse desta ligação: "Para evitá-la, tornava-se imperativo desvincular o investimento de objeto das identificações em geral, ou, pelo menos, daquelas mais diretamente implicadas na formação do eu" (p. 57). Ainda:

A postulação de uma identificação com o pai, anterior a tudo, anterior até à existência do indivíduo - na medida em que garante um eu originário bem definido e bem orientado quanto à identidade de gênero e até à escolha de objeto sexual -, nos leva a suspeitar que ela é também um efeito criado no pensamento de Freud pelo recalçamento originário que instaura o eu unificado ao mesmo tempo que cria o inconsciente, por meio do contra-vestimento dessa situação originária de sedução, de dispersão libidinal, de passividade e plenitude sem limites definidos. Em outras palavras, a identificação primária com o pai recalca, na teoria freudiana das identificações, a identificação feminina primária (p.68).

Cabe, aqui, expressar concordância às colocações de Ribeiro (2000), pois nos parece pouco explicativa a identificação primária sugerida por Freud. Do nosso ponto de vista, por mais que Laplanche afirme a existência da identificação primária e direta ao pai, sua posição assemelha-se, de certo modo, à colocação de Ribeiro (2000). Também é importante entender que o recalçamento da identificação primária, por Freud, proposto por Ribeiro (2000), teve como objetivo impedir que a mãe se constituísse como objeto principal na formação do eu no menino. O papel da mãe e da identificação primária (mas não a identificação primária com o pai da pré-história) será discutido no subitem 3.4 do capítulo 3.

1.2 A IDENTIFICAÇÃO SECUNDÁRIA EM FREUD

Podemos chamar de identificação secundária, de acordo com Laplanche, (1993/1980) o que Freud, em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1996), situou como identificação relacionada ao sintoma. A identificação secundária divide-se em três modos: identificação com uma pessoa que apresenta um ponto comum com o sujeito, identificação com o objeto e identificação com o rival. (Laplanche, 1980/1993).

1.2.1 A identificação em um ponto comum: a identificação histórica

Na segunda vez que Freud faz referência à palavra identificação em sua obra, em termos cronológicos, o sintoma aparece como resultado de uma identificação com uma pessoa. Esta ideia pode ser encontrada na carta 64, datada 31 de maio de 1897, no anexo denominado *Rascunho N*, no qual Freud fala sobre as pessoas que sofrem da mesma doença que os pais tiveram, resultante de impulsos recalçados na fase de doença ou morte dos pais. Para ele, este processo, poderia ser chamado de punições históricas. Freud (1905/1996) também situa Dora, sujeito-personagem modelo da histeria, como exemplo de identificação ligada ao sintoma, pois Dora se identifica com a Sra. K, seu sintoma representando a relação sexual entre a Sra. K e o pai, identifica-se com a mãe, neste caso pelo catarro representando a doença venérea da mãe; identifica-se com o pai através da tosse e ainda se identifica com a governanta, comportando-se de igual maneira, ou seja, encerrando a análise com um aviso prévio de quatorze dias, assim como a governanta havia dado um aviso-prévio aos seus pais.

Posição semelhante à de Dora é exposta em 1921, quando Freud sugere considerarmos a situação da menina que expressa um mesmo sintoma que sua mãe. Diz que tal identificação pode ser proveniente do complexo de Édipo, o que expressaria um desejo da menina em ocupar o lugar da mãe, fazendo-se parecer com ela, pelo menos no que concerne ao sintoma. Portanto, a menina teria sentimentos hostis dirigidos à mãe e sentimentos de amor em relação ao pai, o que seria expresso através do sintoma. A realização do desejo teria uma influência do sentimento de culpa, já que o desejo é expresso em termos de sofrimento. Em relação a este caso, Freud (1921/1996) afirma que “Esse é o mecanismo completo da estrutura de um sintoma histórico” (p. 116).

No volume IV da *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996) pergunta-se sobre o sentido da identificação histórica e lhe dá um papel importante no mecanismo dos sintomas históricos. Diz ele que a identificação fornece a possibilidade da histórica expressar, no sintoma, suas experiências ou seu sofrimento pelas experiências vividas por outras pessoas. Essa capacidade de imitação histórica indica um ato mental que ocorre neste fenômeno, que pode ser denominado de inferência inconsciente.

A explicação pode ser dada deste modo: pacientes que observam um ataque histérico supõem, de maneira inconsciente, que podem reproduzir este ataque, não apenas por uma identificação histérica, mas porque possuem a mesma causa que o produziu no outro. Assim a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente (Freud, 1900, p.184).

Segundo Freud (1900/1996), na histeria a identificação é utilizada como forma de expressar um elemento sexual comum. A histérica identifica-se mais com as pessoas com quem manteve relações sexuais ou com outras pessoas que mantiveram relações sexuais com estas do que com outras pessoas. Já nas fantasias históricas e nos sonhos, como veremos adiante no sonho da bela açougueira, basta pensar em algum conteúdo sexual (pode ser imaginado, sem ser real), para que a identificação ocorra.

No texto intitulado *Algumas observações gerais sobre o ataque histérico*, Freud (1908/1996) enfatiza o papel da fantasia e da proliferação de personagens presentes nos ataques históricos:

O ataque torna-se obscuro pelo fato de o paciente tentar realizar as atividades de ambas as figuras que aparecem na fantasia, ou seja, por meio de uma identificação múltipla. Confira-se, por exemplo, o caso que mencionei em meu artigo sobre 'Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade no qual a paciente tentava despojar-se de suas vestes com uma das mãos (como homem) enquanto as retinha com a outra (como mulher) (p.210).

Este aspecto contraditório, do ativo e do passivo, presente no sintoma histérico, nos indica a presença de desejos opostos, ambivalentes e bissexuais.

Ainda a respeito da identificação histérica, Freud (1921/1996), em *Psicologia das massas e análise do ego*, propõe o caso de uma colegial que recebe uma carta de amor, fica com ciúmes e tem um ataque de histeria. As outras internas, por invejarem este caso de amor, acabam também tendo uma crise. Para Freud, "O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação" (p. 117). Acrescenta, ainda, que a identificação com o sintoma

só foi aceita porque as colegas aceitaram identificar-se com o sofrimento pela influência de um sentimento de culpa e não por uma simples simpatia.

O motivo da identificação, nesse caso, permanece inconsciente, e é essa identificação que podemos classificar como o protótipo do que ocorre nos grupos, originando os laços de amizade e camaradagem no âmbito social. Esta discussão será retomada no último capítulo.

Freud (1921/1996) assim descreve o mecanismo da identificação:

Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido (p. 117).

Freud (1900/1996), na *Interpretação dos Sonhos*, ao discutir os sonhos aflitivos, relata um sonho de uma paciente casada, ao qual Lacan deu o célebre nome de “sonho da bela açougueira”, já que o marido era açougueiro de profissão. Ela sonhou que queria oferecer um jantar, mas não havia quase nada em sua casa, exceto um pequeno salmão defumado. Pensou em sair para fazer compras, mas lembrou que era domingo e que não haveria como oferecer aquela ceia. Freud interpreta esse sonho utilizando várias associações da paciente: ela revela que tinha uma amiga, muito elogiada por seu marido, que expressara na véspera um desejo de engordar, pois se achava muito magra; também fala sobre a preferência de seu marido por mulheres mais cheinhas. A interpretação final foi a seguinte: ela não desejava ajudar a amiga a engordar pois se o fizesse seu marido poderia interessar-se por ela. Mas Freud também produz outra interpretação a partir de, também, outras associações da paciente: ela lhe conta que sentia muita vontade de comer um sanduíche de caviar todas as manhãs, mas devido ao preço recusou-se a pedir ao marido, mesmo sabendo que ele a atenderia caso ela o solicitasse. Portanto, existia um desejo neste sentido. Então Freud interpreta que sua paciente identificou-se com sua amiga por ter sonhado que seus próprios desejos não foram realizados; segundo ele, “a circunstância de ter efetivado um desejo renunciado na vida real foi

prova dessa identificação”(p.183).

Para Florence (1987/1994), a identificação histórica segue o mesmo raciocínio da identificação nos sonhos, pois ambas visam exprimir um desejo sexual recalçado, que é transformado em sonho ou em sintoma, com base em elementos significantes dos objetos de desejo. Freud já havia apontado esta semelhança entre sintoma e sonho em 1900.

1.2.2 A identificação com o objeto: o complexo de Édipo

A identificação com o objeto tem seu protótipo no complexo de Édipo, mais precisamente na sua tentativa de solução, na qual o sujeito troca a escolha objetal e a relação ambivalente que tinha com este objeto por uma identificação.

Freud (1921/1996), em *Psicologia do grupo e análise do ego*, define a identificação do seguinte modo: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (p. 115). Freud nos indica, portanto, que a identificação está presente na história do Édipo. Importante lembrar que o Édipo, em Freud, está situado em um tempo cronológico, o que significa que há uma delimitação quase precisa sobre seu início e seu término, que é dado pela sua destruição, ideia central do texto *A dissolução do complexo de Édipo* em 1924 (Laplanche, 1980/1993).

Para exemplificar a citação acima, Freud (1921/1996) traz o exemplo do menino que sempre quer ocupar o lugar do pai e o elege como ideal². Estas disposições não se referem a posições passivas e femininas em relação ao pai, mas é o caráter do percurso masculino. Também desenvolve concomitantemente, com relação à mãe, uma catexia de objeto sexual. Segundo Freud (1921/1996), tais impulsos caminham lado a lado sem interferência, mas, à medida que há uma maior unidade da vida mental, eles se unem e, desta reunião, é que surge o complexo de Édipo normal.

² Ribeiro (2000) diz que a questão salutar desta relação do menino com o pai, apoia-se na ideia de que a identificação com o pai não pressupõe um vínculo libidinal. Esta separação entre vínculo libidinal e identificação serve para afastar qualquer "contaminação" do menino por uma identificação primária feminina, negando qualquer caráter de passividade e feminilidade.

Freud (1923/1996), em o *Ego e o Id*, descreve o complexo de Édipo, indicando novamente que um menino desenvolve uma catexia objetual pela mãe e uma identificação com o pai. Ao longo da relação com os pais, seus desejos se intensificam com relação à mãe, e o pai é tido como rival e sua identificação com ele torna-se ambivalente, "... parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta" (Freud, 1923/1996, p. 44).

Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia deve ser abandonada, sendo que este lugar pode ser preenchido pela identificação com a mãe ou pela intensificação da identificação com o pai. O esperado seria a escolha da última opção, resultando na masculinidade. Na menina ocorreria uma intensificação da identificação com a mãe³.

No artigo *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924/1996) apresenta sua análise sobre os motivos que levam à destruição deste complexo. Aponta que nos meninos isto se dá, principalmente, devido às ameaças de castração, proferidas pelas mulheres que se encarregam de sua educação, aliadas com a observação dos órgãos genitais femininos. O menino, que nesta época possui um interesse especial em seus órgãos genitais e também uma relação edipiana com seu pai ou sua mãe, se vê obrigado a abandonar esta relação, devido ao maior interesse narcísico por seu órgão genital. Então, as catexias dirigidas anteriormente ao objeto (pai ou mãe) são renunciadas e substituídas por identificações.

Abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve, conforme podemos ver, renunciar às intensas catexias objetuais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego. Identificações desse tipo, cristalização de catexias objetuais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está inteiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado (Freud, 1932/1996, p. 69).

³ Depois Freud descobre que o Complexo de Édipo na mulher não é simétrico ao do homem.

Esta renúncia, segundo Laplanche (1980/1993), é sempre uma renúncia temporária, pois se configura como uma promessa (basta lembrarmos o desejo de ter um bebê no caso das meninas). Esta renúncia é também um recalque deste investimento libidinal no objeto materno, que deve transformar-se em uma ternura dessexualizada. E também aí ocorre uma identificação.

Até aqui vimos como se dá o complexo de Édipo nos meninos. É na Conferência XXXIII, intitulada *Feminilidade*, que Freud (1932/1996) traz várias contribuições e recapitulações a respeito do desenvolvimento da menina e sua diferenciação do desenvolvimento masculino. Segundo o autor, a menina tem um caminho mais complexo que o menino por realizar duas mudanças importantes - a mudança da zona erógena e a do objeto sexual -, trocas essas que o sexo oposto não efetua.

Para Freud (1932/1996), a menina terá três caminhos resultantes do complexo de Édipo: a inibição da sexualidade, a escolha pela masculinidade e a feminilidade normal. Vejamos como ocorrem estes processos.

Inicialmente, a menina tem uma relação muito intensa com sua mãe, a qual se constitui seu primeiro objeto de amor, assim como o menino. Esta relação continuará forte e intensa até a fase fálica, e, até lá, a menina se comportará exatamente como um menino, pois acredita que seu clitóris é um pequeno pênis que irá crescer. Com o reconhecimento a respeito de sua castração, ela volta-se contra a mãe e a culpa, por não lhe ter dado o pênis tão desejado. Assim, é a partir do reconhecimento da castração e pela inveja do pênis que a menina se insere no complexo de Édipo e volta-se para o pai, esperando que ele possa fornecer-lhe o pênis desejado, desejo este que é logo substituído pelo propósito de obter um bebê do pai.

Percebemos, portanto, a troca que a menina efetua em relação ao objeto. Em relação à zona erógena, a mudança se dará no sentido da transmissão da sensibilidade do clitóris para a vagina, após a fase fálica, pois nesta ainda o clitóris permanece como a principal zona erógena.

No caso dos meninos, o complexo de castração, que no caso das meninas permite a entrada no complexo de Édipo, é o responsável por sua dissolução, pois perante o reconhecimento da castração, o menino abandona os desejos incestuosos com relação à mãe e identifica-se com seu pai. Para Freud (1932/1996), o complexo de Édipo nas meninas parece nunca ser inteiramente destruído, fato oposto ao caso

masculino.

Freud (1923/1996), em *O Ego e o Id*, nos diz que um estudo mais aprofundado do complexo de Édipo mostra que geralmente ele é dúplice, ou seja, há identificações e escolhas de objetos de amor voltadas tanto para o pai quanto para a mãe, caracterizando a complicação que a bissexualidade das crianças apresenta. Então, lança a tese de que talvez a rivalidade existente no complexo de Édipo se deva também à bissexualidade e não inteiramente o seu desenvolvimento se dê a partir da identificação. Acrescenta que a dissolução do complexo resultará em identificações paternas e maternas e que suas intensidades é que ditarão a predominância de uma das duas disposições sexuais.

Para Freud (1923/1996):

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (pp. 46-47, grifos originais).

Freud define como resultado geral do Édipo duas identificações ajustadas, o que nos parece afirmar uma identificação com o objeto de amor e outra com o rival que produzem sedimentações no ego do sujeito (Laplanche, 1980/1993).

Laplanche (1980/1993), por sua vez, aponta que Freud acrescentará a bissexualidade a partir da noção da posição da menina no Édipo e de sua identificação com a mãe, pois considera a existência de uma identificação inversa, ou seja, com o rival. O rival não pode ser considerado apenas um objeto-obstáculo, mas deve haver aí um vínculo de amor, pois senão a identificação da menina com a mãe seria impossível.

Para Laplanche (1980/1993), esta inserção da bissexualidade produz duas consequências interpretativas. A primeira, em uma vertente biológica, propõe que o indivíduo optará pela identificação com a mãe ou com o pai, segundo tendências inatas. A segunda, em uma vertente dialética, afirma que a bissexualidade não se produz apenas no término do Édipo, mas em todo o seu percurso e em seu movimento, já que, para Freud, o Édipo é, ao mesmo tempo e na sua própria

constituição, negativo e positivo.

Acreditamos ser interessante apontar as considerações de Laplanche (1980/1993) sobre o resultado final do Édipo, pois ele faz uma inversão bastante provocadora ao afirmar que, segundo sua teoria da identificação, apenas uma das duas saídas propostas por Freud (identificação com a mãe e reforço da identificação com o pai) se encaixa nesta teoria: a identificação com a mãe, ou seja, “a substituição do investimento de objeto pela instalação desse objeto no ego” (p. 321). Constata clinicamente este dado, afirmando que não encontrou nenhum modelo de identificação do menino com o pai como identificação ao rival. Diz:

Ora, a identificação com o objeto que se deve abandonar - do menino com a mãe - existe de fato; mas, evidentemente, ela se produz segundo vias que, no caso extremo, resultam numa posição atípica, ou seja, uma posição homossexual (Laplanche, 1980/1993, p. 321).

O resultado do Édipo, apontado por Freud, é a escolha sexual que faz o sujeito hetero ou homossexual, o que indica que é a escolha de um objeto sexual, “é a escolha de uma posição fálico-castrado, dominante no período da infância que será designado por Freud como fase fálica” (Laplanche, 1980/1993, p. 327).

Essa escolha da posição sexual é resultante, sempre, de identificações duplas, ao mesmo tempo com o pai quanto com a mãe. Mas a ideia de Freud de identificação normativante, ou seja, identificação com o progenitor do mesmo sexo é, para Laplanche (1980/1993), uma escolha de objeto homossexual:

Inversamente, a identificação que resulta na homossexualidade encontra sua origem num Édipo positivo particularmente intenso, o que se verifica na clínica da homossexualidade masculina ou feminina. Na homossexualidade, é o apego edipiano heterossexual, ao genitor do sexo oposto, que se revela em geral predominante (p. 327).

O autor afirma que deveríamos rever as ideias sobre um Édipo "normativante", ou seja, capaz de influenciar, como modelo, os vínculos posteriores.

“O Édipo não é um “condicionamento”, não é uma experiência sobre a qual se calcariam em seguida as experiências adultas do sujeito “(Laplanche (1980/1993, p. 327). Notemos que a afirmação é contraditória com as colocações de Freud. Laplanche (1980/1993) defende, então, que as relações de objeto posteriores na vida adulta não seguem uma lei única e rígida.

Como metáfora ilustrativa para demonstrar a complexidade do resultado do Édipo, Laplanche (1980/1993) traz a noção psicanalítica de condensação nos sonhos. Lembra o autor que as condensações nos mostram que um elemento do sonho pode trazer em si várias significações, não se restringindo apenas a uma associação específica. Assim, a relação entre o sonho latente e manifesto é muito mais complexa; basta lembrar do abandono parcial, por Freud, de sua simbólica, isto é, o abandono de uma utilização irrestrita de símbolos fixos na interpretação dos sonhos. Acrescenta que, frequentemente, a relação que nos parece óbvia entre o comportamento adulto e o infantil, relacionado ao Édipo, é apenas fruto de racionalizações secundárias de associações mais complexas.

1.2.3 Identificação com o rival

É interessante notar que a identificação com o rival, proposta por Freud (1921/1996) em *Psicologia do grupo e análise do ego*, se esvaece durante o texto, como já aponta Laplanche (1980/1993). No decorrer do texto, Freud aponta, aí, três tipos de identificação, ao invés de quatro como havia proposto anteriormente e que se referiam à identificação primária e três subtipos da identificação secundária, portanto, “esquecendo-se” da identificação com o rival. Poderíamos pensar que este rival estaria no complexo de Édipo. É, talvez, sobre esta identificação com o rival que nos fala Freud.

Para Laplanche (1980/1993), o que agrupa os três casos da identificação secundária é a identificação com o objeto de amor. Na identificação propriamente dita com o objeto, este aspecto é, claro, muito evidente, e a identificação baseada em um ponto comum, por sua vez, é também uma identificação com o objeto de amor regressivamente, pois remete ao retorno de uma relação amorosa abandonada. Apenas na identificação com o rival é que isto não se daria, e é

justamente a respeito desta identificação que Freud irá se esquivar, abandonando-a de algum modo.

Contudo, encontramos dois exemplos de identificação com o rival.

O primeiro exemplo é fornecido quando Freud (1921/1996) comenta sobre o instinto gregário de Trotter, considerando-o uma pulsão primária, assim como os instintos de autopreservação, nutrição e sexo. Para o autor inglês, os homens nascem com ele, que se assemelharia à multicelularidade e isso seria, a seu ver, fato inegável de que o homem tem a necessidade de estar com seus semelhantes. Freud (1921/1996), contudo, objeta, questionando a existência deste instinto enquanto realmente primário. Para Trotter, é possível verificar como expressão deste instinto primário o medo que as crianças sentem de ficar sozinhas. Freud (1921/1996), no entanto, propõe outra interpretação para esse fato. Segundo ele, o medo da criança relaciona-se com a mãe e, quando a criança está sozinha e alguém do grupo chega, ela não sente alívio deste sentimento, mas o contrário.

De acordo com Freud, o instinto gregário não pode ser percebido originariamente na criança, e ele apenas se desenvolve na relação dela com as demais crianças. Em um primeiro momento, a criança tem o desejo de afastar qualquer outra criança que possa ameaçar o amor que seus pais sentem por ela, mas logo percebe que seus pais também amam esta nova criança, então, para não se prejudicar, sente-se obrigado a se identificar com ela.

O segundo exemplo é o do caso de mulheres que se reúnem em volta de um pianista - seria o caso hoje das fãs de um cantor -, sentem ciúme umas das outras, mas o substituem por um sentimento de união frente à constatação da impossibilidade de terem seu objetivo alcançado. "Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto" (Freud, 1921, p. 130).

Embora encontremos tais exemplos de identificação com o rival, este tipo de identificação não terá, posteriormente na obra freudiana, um papel acentuado, salvo nas análises dos grupos sociais.

1.3 UMA BREVE RECAPITULAÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES EM FREUD

A intenção deste tópico é revisar, rapidamente, as identificações freudianas levantadas neste capítulo.

Primeiramente discutimos a identificação primária em Freud. Ela é definida como uma identificação bastante primitiva e anterior a qualquer catexia de objeto. Está ligada ao pai da pré-história do indivíduo e é considerada, por muitos autores, um mito e um ponto obscuro na teoria freudiana. Relaciona-se com a ideia de canibalismo, pois, ao mesmo tempo que se constitui na relação com o outro, é assimilação desse outro. Contudo, em Freud, a identificação primária, não é relacionada ao primeiro objeto sexual, o seio, mas é anterior a ela. A identificação primária influenciaria todos os processos de identificação secundária. É relevante lembrar que Ribeiro (2000) situa a identificação primária com a identificação materna e julga que esta identificação está recalcada na obra freudiana.

A identificação secundária, na obra freudiana, possui três formas: identificação com uma pessoa que apresenta um ponto comum com o sujeito, identificação com o objeto e identificação com o rival.

A identificação com uma pessoa que apresenta um ponto comum com o sujeito, também chamada de identificação histórica, centra-se na ideia do sintoma como manifestação da identificação estabelecida. A histeria seria o modelo deste tipo de identificação, por manifestar algo sexual presente nos sintomas e em sua proliferação.

Na identificação com o objeto, o ponto central desta identificação situa-se no complexo de Édipo. É a partir da relação com os objetos de amor, pai ou mãe, que a identificação, após um abandono deste investimento nos objetos, ocorre. Esta identificação irá formar um precipitado no ego, a que Freud deu o nome de superego.

O terceiro tipo de identificação secundária, identificação com o rival, proposto no início do texto *Psicologia do grupo e análise do ego* é negligenciado ao longo dele. Todas as identificações com o rival, em si, não parecem possíveis, pois há sempre um vínculo de amor presente, como podemos constatar no exemplo da identificação entre as crianças ou entre mulheres que admiram um mesmo objeto. Nestes casos, podemos observar sempre uma referência a um objeto terceiro, a

mãe ou o homem admirado, respectivamente. Apesar de não existir um vínculo direto entre os identificados, eles se identificam através do amor pelo objeto terceiro.

É importante ressaltar que este capítulo servirá de base para a compreensão dos processos identificatórios, que serão lembrados ao longo de todo o trabalho; contudo não estabelece uma ligação direta com o capítulo posterior, dedicado à Teoria da Sedução Generalizada, pois seus cruzamentos, do primeiro e do segundo capítulo, serão abordados no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 2 - TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE

Neste capítulo pretende-se abordar a Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, a fim de expor seus principais conceitos e formulações, exposição essa que nos orientará no exame da identificação como processo tradutivo das mensagens enigmáticas do outro. É a partir da apresentação da constituição do aparelho psíquico e do sujeito sob a ótica da TSG que obteremos o imprescindível suporte para nossa futura análise.

É fundamental lançar luz sobre os caminhos percorridos pela TSG até sua formulação final, o que necessariamente implica percorrer os caminhos da teoria da sedução em Freud.

Laplanche (1987/1992) aponta que a sedução para Freud sempre esteve ligada a dois aspectos: uma certa factualidade, ou seja, a ideia de uma sedução acontecida na realidade material, e uma teorização do sujeito acerca desses acontecimentos.

O autor distingue duas teorias da sedução em Freud. A primeira, intitulada teoria da sedução restrita, postula a existência de cenas reais de sedução, as quais, através do trabalho analítico podem ser rememoradas. A criança, que participou de tal cena de sedução (por um adulto) não tinha meios de reagir à sexualidade do adulto devido a sua imaturidade e, em consequência, tem-se o trauma. Mas não basta isso, como veremos. A criança está totalmente passiva na cena, percebendo a sedução do adulto como algo agressivo e violento. O adulto, neste momento da teoria, é perverso, no sentido de perversão que Freud define nos "*Três Ensaio*", de 1905: desvio quanto à finalidade e desvio em relação ao objeto. Essas cenas são de ordem patológica e praticamente infundáveis, ou seja, Freud acreditava que uma cena remeteria a outra mais antiga e assim por diante, até, enfim, chegar-se a uma primeira cena, sendo esta a cena originária. Ainda, segundo Laplanche (1987/1992), este trauma é revivido ativamente pelo sujeito, muitas vezes, na tentativa de elaboração, portanto, ao longo da evolução do tempo passa-se da passividade à atividade, pois a rememoração pelo sujeito indica a sua atividade.

A teoria da sedução restrita comporta, segundo Laplanche (1987/1992), três aspectos. O nível temporal é marcado pela noção de *Nachträglichkeit*, o *a posteriori*, que indica dois tempos do trauma. O primeiro tempo, definido por Freud como tempo

do terror, é o tempo real em que o trauma ocorreu, a cena de sedução para a qual a criança não estava preparada. A significação do fato não pode ser entendida pela criança, e a cena em si não é traumatizante por si só. É necessário que, posteriormente, haja uma outra cena que se associe com a cena anterior para que a primeira adquira seu caráter traumatizante. Em um primeiro momento, isto é, na primeira cena, o sujeito não irá recalá-la, mas, no *a posteriori*, quando o sujeito já tem meios de se defender, ele se vê atacado não mais por um acontecimento, mas por uma lembrança interna. O sentido tópico se dá pelo aparecimento do ego, é claro que não ressaltado por Freud neste momento, mas indicado por Laplanche (1987/1992). A tradução marca o terceiro aspecto, o qual voltaremos a enfocar.

Laplanche (1987/1992) indica que esta teoria restrita foi abandonada por Freud em 1897, não apenas porque continha algumas fraquezas, mas também pela própria análise arbitrária como Freud a efetuou. Freud calçou-se no sentido patológico da cena, identificando o adulto sempre como perverso e, através de um cálculo "estatístico", chegou à conclusão que teria que haver inúmeros pais perversos para a produção da histeria, o que se revelava inconcebível. A procura pela cena originária, a qual as outras inúmeras cenas sempre tinham como referência, também se mostrou decepcionante.

O abandono da teoria da sedução em 1897, para Laplanche (1987/1992), resultou em um verdadeiro desastre dos elementos concernentes à própria teoria. Alguns deles restaram na psicanálise, embora deformados. Após este abandono, não de todo completo para Laplanche, há em Freud o que Laplanche denomina de uma teoria da sedução precoce, em que o pai perverso cede lugar à mãe sedutora, mãe que seduz o filho através dos cuidados. Isto indica, em relação ao tempo, uma regressão, já que a mãe cuida de seu filho desde o início, ao contrário da sedução, mais tardia, efetuada pelo pai.

Para Laplanche (1987/1992), Freud concentra a atenção nas excitações despertadas na criança, pela mãe, acerca de seu órgão genital, mas não estende esta compreensão para a sexualidade como um todo, para todas as zonas erógenas da criança, e, ainda, não leva em conta o inconsciente materno, a não ser em alguns raros momentos.

Esta teoria da sedução em Freud é vista por Laplanche (1997a) como um dos momentos que instaura uma descentração - entendida através da figura da revolução de Copérnico e trazida à tona para explicar a revolução na psicanálise.

Freud já afirmava que com a inserção das ideias de Copérnico, principalmente a ideia que a terra não era o centro do universo, o homem sofreu uma grande ferida em seu narcisismo e onipotência. As ideias precedentes que imperavam no campo cosmológico eram derivadas de Ptolomeu, que afirmava o sistema gravitacional autocêntrico.

Laplanche (1997a) atribui ao próprio Freud uma alternância entre Ptolomeu e Copérnico. A fase copernicana, que instaura esta descentralização, pode ser vista em dois momentos: na descoberta do inconsciente, que é algo certamente descentrado, e na teoria da sedução, que ampara o inconsciente como algo estrangeiro a nós mesmos.

Esta estranheza, ou seja, este outro que habita em nós, pode ser verificada, segundo Laplanche (1997a), por vários motivos encontrados na obra freudiana. O primeiro deles diz respeito ao método, pois somente com o método psicanalítico é possível o acesso ao inconsciente, ou seja, a partir de desconstruções feitas em análise é cabível alcançar uma outra realidade, antes inatingível. Contudo este objeto, investigado em análise, não apenas age ali, mas manifesta-se na vida cotidiana (lapsos, sonhos etc.). Assim, conclui-se que o discurso⁴ consciente não é, de modo algum, análogo ao inconsciente, pois este é regido pelos processos primários, que possuem suas próprias leis. Além disso, as manifestações do inconsciente (sintoma, lapsos etc.) não são uma expressão pura daquele, pois há, em suas formações, uma solução de compromisso, em que se mesclam as tendências dos dois sistemas.

Outra característica cara a Laplanche, logo também para a TSG, é que o inconsciente é constituído de cenas sexuais, conferindo seu caráter puramente sexual. Essa prioridade do sexual relaciona-se diretamente com a questão do outro, do outro adulto, em sua estranheza.

A estrangeirice, uma ideia copernicana em Freud, diz respeito ao outro-psíquico que me habita, o inconsciente, mas também ao fato desta estrangeirice ser colocada em mim por um outro estrangeiro. Contudo, o movimento psicanalítico tende a negar, na teoria e na prática, esta estrangeirice do seu objeto. Segundo o

⁴ Outro ponto importante que nos mostra Laplanche (1981/1992) em *O Inconsciente e o Id* é que o inconsciente não é simplesmente discurso; o inconsciente não é estruturado como linguagem, como afirma Lacan. A linguagem é um pretexto para o inconsciente, mas não o constitui. O inconsciente, para Laplanche, apesar de ser um fenômeno de sentido, não tem nenhuma finalidade de comunicação.

autor:

Chegamos ao ponto que considero ser a essência da revolução iniciada por Freud: sua descentralização, em realidade, e é dupla: a alteridade radical do outro - coisa (*das Andere*), o inconsciente, só é garantida pela outra pessoa (*der Andere*): resumidamente pela sedução (Laplanche, 1997a, p. 144).

Esta alteridade é reabsorvida pelo sujeito na forma de sua própria fantasia acerca da alteridade deste outro, sua própria fantasia de sedução, o que infringe um risco sobre a alteridade do próprio inconsciente.

Há em Freud, e nos pós-freudianos, uma redução do outro em consequência da primazia da representação do sujeito, ou seja, da sua própria subjetividade, o que resulta no não reconhecimento da estranheira do outro. Em outras palavras, a subjetividade do sujeito impede enxergar o outro - outro como "doador" de sua própria subjetividade.

Para Laplanche (1987/1992) a alteridade nunca é admitida como uma instância fundadora originária, mas sempre é vista como parte de "minha" representação.

Não é apenas a realidade do outro em si, sempre inatingível, os pais e seu prazer de um lado, e de outro, o outro "para mim", puramente imaginado por mim: há primordialmente o outro que se dirige a mim, o outro que "quer" alguma coisa de mim, nem que seja por não dissimular o coito. O que este pai quer de mim me mostrando, deixando-me ver a cena primária, mesmo que apenas me levando ao campo (como o pai do homem dos lobos) para testemunhar o coito de animais? (p. 146).

A estranheira deste outro é sustentada pela mensagem que ele envia, uma mensagem verbal ou não verbal, que emite um sinal à criança (Laplanche, 1997a).

Nas cenas de sedução, fundadoras do inconsciente do sujeito, o adulto transmite à criança um sinal, puramente sexual, pois este sinal provém de seu próprio inconsciente. O próprio adulto não reconhece estas mensagens, pois elas comunicam um sentido que antes estava escondido dele mesmo. Laplanche (1997a)

diz: "O que descrevo como força propulsora de todas as cenas de sedução é um fato universal: a intervenção do outro adulto, com seu inconsciente sexual" (p. 146).

É possível encontrar também em Sandor Férenczi outro ponto de apoio para a obra laplancheana e ainda para o tema da identificação. Sabe-se que Férenczi é o precursor da linha na psicanálise que enxerga a relação do sujeito com o outro o principal elemento da estruturação psíquica (Mezan, 1996). Birman (1996) afirma que Férenczi criou novos conceitos na psicanálise, como a introjeção, conceito amplamente utilizado por Freud e que gerou a revisão do conceito de identificação. Birman (1996) salienta que o princípio do pensamento de Férenczi é de que a sedução é o veículo da transmissão da sexualidade, de um sujeito para outro. Para o autor:

Laplanche, pós-Férenczi, vai impugnar essa forma, falando da assimetria que se passa entre o infante e o adulto, no sentido de dar um lugar e uma extensão para a experiência da sedução no sentido estrutural. Quer dizer, o sujeito se constitui pela experiência de sedução, a sexualidade também. Então, não é da sedução que ele tem que reclamar, e sim da falta dela. A problemática não é ser seduzido: "Quando não somos seduzidos é porque somos abandonados". A sedução é constitutiva da sexualidade. Assim, não me parece que Férenczi esteja pensando nesse momento na dimensão da sexualidade como paixão. Quando ele está falando da linguagem da paixão, está falando não dessa sedução constitutiva do sujeito, mas sim de uma sedução que utiliza o corpo do infante para o gozo do adulto, o que é muito diferente....Férenczi está falando da linguagem da paixão, um atropelamento do corpo do infante pelo adulto, onde o que está fundamentalmente em jogo é: você é o objeto do meu gozo e eu vou lhe dar a possibilidade de ser investido sexualmente (Birman, 1996, p. 80).

Férenczi (1933/1984), em seu artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, insiste sobre a importância do traumatismo sexual como fator patógeno. Acredita que as crianças são abusadas muito mais frequentemente do que se imagina pelos pais e adultos próximos, os quais se aproveitam da ignorância e da

inocência daquelas. Acreditar que tais relatos são apenas fantasias históricas, para o autor, é inviável, pois se pode comprovar esta realidade através da confissão, na análise, dos adultos abusadores.

O autor postula que entre a criança e o adulto ocorre um jogo. Aquela participa do jogo de forma quase sempre lúdica e no nível da ternura, mas para muitos adultos este jogo torna-se erótico, principalmente se eles têm predisposições psicopatológicas.

Pinheiro (1996) ressalta que o adulto abusador de Férenczi enxerga a criança no seu próprio nível, como igual, desconhecendo a linguagem própria da criança, a linguagem da ternura, e também não reconhecendo que a sedução emitida pela criança é uma sedução lúdica. “Isto não quer dizer que se está tirando o caráter sexual; está se tirando simplesmente o caráter genital desta sedução” (Pinheiro, 1996, p. 46).

Férenczi (1933/1984) nos diz que a primeira reação da criança será de recusa e ódio frente às tentativas adultas. Contudo, como as crianças sentem-se indefesas diante da força e da autoridade dos adultos, submetem-se à vontade do agressor e identificam-se com ele. Através desta identificação, ocorre uma introjeção do agressor, isto é, o que antes era externo passa a ser interno. Além da introjeção do agressor, a criança introjeta o sentimento de culpa do adulto. O que antes era um jogo sem consequências torna-se algo que merece um castigo. A criança fica dividida entre a inocência e a culpabilidade, o que lhe retira a confiança em seus próprios sentidos. O remorso do adulto devido aos seus atos agrava a situação da criança que o percebe. Mas, geralmente, o agressor comporta-se como se nada tivesse acontecido, acreditando que logo a criança irá esquecer. A criança abusada obedece de forma mecânica ao adulto, e sua vida sexual não se desenvolve, podendo até resultar em perversões, neurose ou psicose.

Pinheiro (1996) explica que, para Férenczi, o adulto que comete esta violência contra a criança somente pode ser considerado um perverso se não sentir culpa pelo que fez. O adulto de Férenczi é alguém que momentaneamente “perdeu a cabeça”. A culpa, sentida pela criança, é problemática para ela, pois ela não sabe o que quer dizer este sentimento. Portanto toma a culpa como algo enigmático, algo que não compreende.

Para Pinheiro (1996):

A ideia de identificação com o agressor - quando Férenczi fala de uma linguagem da ternura que ficou jogada no limbo - é esse agressor ser tomado como acusador. A identificação do agressor como se ele fosse parceiro desse ego; como sendo a totalidade ou se pretendendo ser a totalidade egóica desse sujeito (p. 48).

Ainda acrescenta:

Então é essa ideia de que zerando com o agressor eu passo a ter a culpa. Eu me aproprio do sentimento do outro e desfaço o enigma. Evidentemente o enigma não se desfaz assim, mas é como se fosse uma tentativa de se apropriar de um sentido que escapou, que fez falta (Pinheiro, 1996, p. 52).

Férenczi (1933/1984) insiste que o importante é que a criança, ainda com uma personalidade em desenvolvimento, ao invés de se defender, introjeta aquilo que a ameaça. Para o autor, a época da identificação, referida por Freud, é um estágio de amor objetal passivo, ou o estágio da ternura. Neste estágio somente ocorreriam características de amor objetal na fantasia, pois, por mais que as crianças imaginem-se ocupando o lugar de um progenitor, elas não poderiam ir além do estágio da ternura. Se nesta fase um adulto impõe à criança outra forma de amor que elas não desejam e nem podem concretizar, um amor objetal erótico, ocorre a confusão de "línguas" entre criança/adulto.

Para Férenczi (1933/1984) esta identificação é entendida como um amor opressivo, e a libertação desta identificação levaria a uma elevação da personalidade.

Esta experiência, recorda-nos Birman (1996), é denominada por Férenczi de experiência da catástrofe, pois o sujeito se aprisiona em um jogo masoquista. A criança sabe o que aconteceu, sabe do que foi objeto, mas não fala para não perder a proteção do adulto. É em relação a isto que Ferénczi chama este infante de criança sábia.

A identificação com o agressor provoca, segundo Férenczi (1933/1984) um enorme sofrimento, e a angústia de morte faz despertar algumas disposições que se encontram latentes. O sujeito, vítima do trauma, pode amadurecer rapidamente. Os

traumas que ocorrem durante o desenvolvimento podem aumentar os fragmentos divididos dentro do sujeito, comportando-se como personalidades distintas que não se conhecem.

Férenczi (1933/1984) acreditava que, no erotismo do adulto, o sentimento de culpabilidade transforma o objeto amoroso em um objeto de ódio e de afeição, ou seja, em um objeto ambivalente. Mas, na criança, esta dualidade ainda é ausente, pois ela encontra-se na fase da ternura, e por isso ela não a compreende. O ódio é o elemento que surpreende e traumatiza a criança inocente que antes jogava com espontaneidade e agora transforma-se em um ser automatizado.

Segundo Mezan (1996):

O que caracteriza o trauma para Férenczi não é só o fato de que a experiência sedutora é intensa, ou melhor, excessivamente intensa, mas, ainda, de que é desorganizadora, desestruturante, e que não pode ser integrada, não só pela intensidade excessiva em jogo, mas ainda, porque o próprio aparelho de pensar, o próprio aparelho psíquico se vê fragmentado, esvaçado, destruído pelo próprio movimento de tentar compor, juntar as partes desta experiência (p. 94).

Em Ferénczi o trauma também possui dois tempos. Diz Mezan (1996):

Quais são os dois tempos do trauma em Férenczi? Não é um evento e outro evento. É a sedução por parte do adulto e a denegação por parte deste adulto de que alguma coisa tenha acontecido: não aconteceu nada, não se fala no assunto, não existiu. Este segundo tempo torna o primeiro um jogo erótico traumático (p. 111-112).

Em sua Teoria da Sedução Generalizada, Laplanche (1987/1992) transita em um nível diferente da teoria restrita de Freud e também da teoria de Férenczi. O aspecto patológico desta teoria restrita de Freud é retirado, e, ainda, a TSG afirma a estruturação do aparelho psíquico através da sedução. Em relação à teoria do audacioso Férenczi, para utilizar uma expressão de Laplanche (1992), este último diz-nos que o que falta em Férenczi é não ter levado em conta que a linguagem do adulto, ou seja, a linguagem da paixão, somente traumatiza porque inclui nesta

mensagem o inconsciente do adulto, ignorado por ele mesmo. Outra grande diferença pode ser encontrada entre o adulto ferencziano e o laplancheano. O primeiro é alguém que perdeu a cabeça, já o laplancheano é um adulto como todos os outros, que naturalmente irá transmitir mensagens enigmáticas. Além disso, outra grande divergência é o saber do adulto, pois, para FÉrenczi, este adulto utiliza a criança como objeto de sua sexualidade, no sentido genital, diferentemente do adulto em Laplanche, que desconhece a própria emissão das mensagens sexuais.

Em Laplanche (1997b), a prioridade concedida, entre todas as fantasias originárias descritas por Freud, às cenas de sedução se deve ao fato de o outro adulto emitir uma mensagem enigmática⁵, a sedução propriamente dita, de forma unilateral, à criança, tornando assim a cena primária traumatizante e enigmática. Quando analisada, a cena adquire duas realidades diversas: a do adulto e da criança. A realidade adulta está fora do alcance do bebê e comporta uma espécie de exibição da cena primária⁶, pois para Laplanche (1987/1992), deixar ver é, sobretudo "fazer ver". A criança, receptora e observadora desta cena traumatizante, tenta interpretar e simbolizar. O adulto tem aqui, um papel ativo de emitir uma mensagem, fazer a criança ver ou ouvir.

A chamada cena "originária" é, ela mesma, sedução para a criança, no sentido de sedução originária. A observação do coito dos pais propõe, impõe à criança imagens, fragmentos de roteiros traumatizantes, inassimiláveis por serem parcialmente obscuros para os próprios protagonistas (Laplanche, 1987/1992, p. 136).

As mensagens enigmáticas do adulto à criança comportam a relação daquele com seu próprio inconsciente e ainda suas próprias fantasias sexuais inconscientes, que foram mobilizadas pela relação com a criança.

Ainda, Laplanche (2007) afirma que o inconsciente adulto deve ser entendido como essencialmente feito dos resíduos infantis, um inconsciente perverso no sentido dos *Três Ensaios*, principalmente, pré-genital. As mensagens

⁵ É interessante lembrar uma distinção fundamental entre a função da palavra proposta por Lacan e aquela proposta por Laplanche. Na visão lacaniana fala-se de uma palavra dirigida pelo outro e exclui qualquer possibilidade da consideração do significante enigmático; já para Laplanche a mensagem é dirigida ao outro (Laplanche, 2007).

⁶ A cena originária ou primária é um exemplo de mensagem enigmática, mas é importante salientar que há muitos outros tipos de mensagens enigmáticas transmitidas do adulto à criança.

adultas enigmáticas não são, inteiramente, inconscientes, pois toda mensagem é uma mensagem que se produz sobre o plano consciente / pré - consciente, contudo, elas são parasitadas pelo inconsciente, ou seja, contêm a presença do inconsciente nestas mensagens (Laplanche, 2007).

Laplanche (1987/1992) não aceita a concepção existente em Freud de que a criança, no início, está em um estado inconsciente, pois a própria observação empírica indica a existência de uma consciência através da presença e não presença (sono) da própria criança, se bem que não se trata da consciência como a conhecemos, mas de uma consciência perceptiva, algo que Freud também reconhece.

O bebê, para Laplanche (1987/1992), não se encaixa em um protótipo de mônada fechada e nem de tábula rasa, mas sim de um ser inadaptado, pois ainda não é capaz, devido à sua imaturidade psicofisiológica, de responder a tarefas que se encontram em um nível mais alto que sua maturação. Há dois níveis que se referem a prematurações: um ligado à autoconservação e o outro ao sexual. O primeiro diz respeito à sobrevivência, enquanto o segundo marca a falta de reação adequada da criança ao sexual. O domínio adaptativo indica um desamparo iminente do bebê, um estado de abandono, pois, sozinho, é incapaz de ajudar a si mesmo, necessitando, portanto, de ajuda externa. A ajuda é solicitada pela criança através de choro, esperneios e gritos, devido a uma excitação que a domina e transborda. Neste nível, portanto, há uma comunicação no sentido da criança aos pais, pois estes aprendem a reconhecer este pedido. Já no domínio sexual, ocorre o sentido contrário.

A criança de Laplanche (1987/1992), ainda com seus processos de adaptação débeis, está na iminência do desvio por um adulto, ele mesmo desviante, desviante em relação a si mesmo e à sua sexualidade. A criança que permanece neste adulto desviante fará com que ele cometa operações falhas (sintomas) na relação que possui com a criança que foi ele mesmo. "A criança diante dele faz apelo ao infantil nele" (Laplanche, 1987/1992, p. 111). Esta relação entre sedutor e seduzido constitui a relação originária.

No centro deste processo encontra-se o que Laplanche (1997b), no artigo *Implantação e Intromissão*, define como implantação. Para o autor, a implantação refere-se aos significantes, vindos do adulto e recebidos passivamente pela criança, que se encontram fixos na pele psicofisiológica de um sujeito que ainda não possui

uma instância inconsciente diferenciada. As primeiras tentativas de tradução serão a respeito desses significantes.

Segundo Laplanche (1997b) a implantação é um processo normal e cotidiano, mas também pode ser neurótico. Entretanto, ao lado da implantação, existe a intromissão, face violenta da implantação. A intromissão seria o processo que coloca no interior do sujeito um elemento rebelde, imetabolizável. Os dois processos relacionam-se com processos corporais, contudo a implantação está mais ligada à superfície do corpo, enquanto que a intromissão relaciona-se mais estritamente com a oralidade e à analidade.

No artigo *As forças em jogo no conflito psíquico*, Laplanche (2007) enfatizará que as instâncias do aparelho psíquico se formam a partir do impacto das mensagens sexuais do outro sobre o organismo biológico da criança. O id, segundo o autor, não é uma instância primordial, originária, que nasce com o sujeito, inerentemente biológica, mas, sim, uma instância formada a partir da mensagem do outro que não pode ser traduzida e metabolizada. Também a ideia de uma sexualidade infantil endógena é bastante criticada por Laplanche (2007), que afirma que a criança não tem ativadores hormonais da sexualidade e que, no início, não tem fantasmas sexuais.

As mensagens enigmáticas do adulto geram uma tentativa de simbolização na criança, tarefa impossível em sua totalidade, pois, como vimos, ela é incapaz de compreendê-las, fato que gera restos inconscientes, denominados por Laplanche (1987/1992) de objetos-fontes: "Portanto, assimilamos o signo de percepção, essa primeira inscrição no aparelho psíquico, exatamente ao significante enigmático, tal como este se deposita antes de qualquer tentativa de tradução" (p. 139).

A Teoria da Sedução Generalizada pode ser também vista como uma teoria de tradução, esta última implicando um conceito essencial: o *après-coup*. Foi a partir da leitura e tradução francesa que o conceito de *après-coup* ganhou sua importância (Laplanche, 1999).

A palavra original utilizada por Freud, vimos, é *nachträglich*, na tradução francesa temos o *après-coup* e em português usamos a versão do latim *a posteriori* (Souza, 1999). Por toda sua significação⁷, utilizaremos a tradução francesa. A

⁷ Para mais informações consultar o livro *Problématiques VI: L'après-coup* de Laplanche (2006), onde o autor faz uma explicação detalhada sobre a etimologia da palavra e do conceito, bem como os problemas concernentes à tradução.

importância deste conceito foi revelada primeiramente por Lacan em 1953, mas não foi enfatizado a ponto de efetuar implicações maiores⁸ do conceito para a obra de Freud. Foram Laplanche e Pontalis que dirigiram a atenção para a importância geral deste conceito, detendo-se na sua utilização já entre 1895-1900, aspecto não analisado por Lacan (Laplanche, 1999).

Segundo Laplanche (1999), Freud emprega o termo *nachträglich* e *Nachträglichkeit* durante uma boa parte dos seus anos de atividade, desde a época de sua correspondência a Fliess até o caso Homem dos Lobos em 1918.

O adjetivo *nachträglich*, que é usado na língua corriqueira, é empregado por Freud de três maneiras: primeiro, ele tem o sentido de ulterior ou de secundário - que liga a consciência secundária à primária; o segundo uso enfatiza a direção do tempo, do passado para o futuro; já no terceiro ocorre uma mudança de posição, vai do futuro em direção ao passado. O segundo uso relaciona-se com a teoria da sedução, já que há alguma coisa no indivíduo que será reativada apenas mais tarde e se tornará ativa somente em um segundo tempo, e é exatamente aqui que se dá a constituição da teoria da sedução.

Todavia, a teoria da sedução, em Freud, era muito mecanicista, porque não havia a concepção de uma inversão da direção temporal, sem nada de retroativo, ideia presente no terceiro uso do termo.

Raramente, nos diz Laplanche (1999), há passagens na obra freudiana que seguem este terceiro uso, ou seja, algo percebido em certo momento que só pode ser compreendido retroativamente. O sentido deste terceiro tempo é entendido por Laplanche (1999) como uma concepção retrospectiva ou hermenêutica, que procede do futuro em direção ao passado, ao contrário da concepção determinista de Freud, que procede do passado ao futuro e implica que o presente e o futuro são determinados pelo passado.

A concepção laplancheana do *après-coup* difere da concepção freudiana. Laplanche (1999) traz o exemplo do episódio contado por Freud, com a intenção de exemplificar a diferença de sua concepção com a utilizada por Freud.

O episódio é sobre um homem que conversando sobre a ama de leite que o havia amamentado faz o seguinte comentário: é uma pena eu não ter me

⁸ Laplanche (2006) enfatiza que o conceito do *après-coup* foi trabalhado por Laplanche e Pontalis de modo diverso a ênfase que Lacan deu ao conceito em 1953, pois reinseriram o conceito no seu conjunto conceitual originário, ou seja, ligado a Teoria da Sedução.

aproveitado dessa ocasião.

Laplanche (1999) aponta, a partir desta narração freudiana, duas direções possíveis ao conceito de *après-coup*. A primeira direção é retrospectiva, ou seja, quando o homem adulto, vendo uma criança no seio, imagina retrospectivamente tudo o que ele poderia obter eroticamente desta situação se ele houvesse sabido. Há, portanto, uma reinterpretação da função de dar o seio em termos de sua situação presente, isto porque a sexualidade do adulto é despertada pela cena da criança ao seio, indicando uma retenção de traços de sua própria sexualidade infantil.

Existe, então, duas interpretações para a narração: uma progressiva e outra retroativa, mas elas permanecem independentes e isoladas uma da outra.

O ponto de vista de Laplanche não é uma escolha entre estes dois pontos de vista, uma opção entre uma posição hermenêutica ou a posição determinista de Freud. Laplanche (1999) enfatiza aquilo que julga que Freud excluiu ou não quis ver, que é justamente a ama de leite e sua sexualidade. O seio é visto apenas como um objeto para criança, sem levar em conta a função de zona erótica para a ama. Mas, mais ainda, o que é fundamental é que o bebê sente a sexualidade do adulto e recebe aquilo que lhe é passado pelo adulto: a mensagem sexual.

Outra possível ilustração é dada pela interpretação de Laplanche (2006) acerca da novela o Pajem de Gustavo Adolfo, escrita por Konrad Ferdinand Meyer e lida e interpretada por Freud, que tem como personagem principal Gustavo Adolfo, rei da Suécia. A trama tem como contexto a Guerra dos Trinta Anos e a tentativa de conquistar a Alemanha pelo rei sueco. Ele contrata um pajem, que deve acompanhá-lo na guerra e defendê-lo. É um trabalho arriscado e perigoso, visto que outros pajens contratados pelo rei morreram nesta função. Gustavo Adolfo escolhe um rapaz. A família deste não o quer na guerra, mas visto que é uma grande honra ser chamado para ser o pajem do rei, não tem como recusar. O rapaz em questão tem uma irmã, Gürtel, que sempre foi apaixonada pelo rei. Acontece então a troca da irmã pelo irmão. Ela disfarça-se como se fosse o irmão e este viaja para longe. Assim, ela torna-se o pajem do rei, sem que este perceba a troca. Gürtel e Gustavo morrem na guerra: ele acusado de traição e ela defendendo-o.

Laplanche (2006) aponta que Freud não analisou o episódio que julga relevante para situar o *après - coup*. É o episódio do beijo adormecido. Começa com a fuga de Gürtel a cavalo, principiada pelo medo da descoberta de sua verdadeira

identidade pelo rei. No caminho, encontra um velho capitão, amigo de sua família. Ele a reconhece e fala dos perigos de seu disfarce. Um momento depois, diz a seguinte frase: "Não devemos dar um beijo nas crianças. O beijo adormecido depois se reacende, quando os lábios crescem e inflam" (Laplanche, 2006, p. 114). O capitão explicou que, quando Gürtel era pequena, o rei a havia tomado nos braços e lhe beijado. A menina não se lembrava da cena, mas a sentiu, pois ficou ruborizada.

Laplanche (2006) destaca que esta cena se passa em dois tempos. O beijo dado pelo rei na pequena Gürtel caracteriza-se como o primeiro tempo. O segundo é o momento que os lábios despertam, na fase da adolescência.

Neste momento, o traço do beijo se acha reinvestido do interior, como resultado de uma excitação mais forte - submergindo - que não havia sido a excitação infantil precoce. Como o esquema proposto no Entwurf o indica: a excitação é: 1) bem mais intensa, 2) ocorrendo do interior, do lado onde o sujeito não espera ser <atacado>. Daí a ausência de preparação, e o efeito de surpresa, que vão engatilhar o processo patológico do recalçamento (Laplanche, 2006, p. 115).⁹

O autor acrescenta que há a ausência de uma concepção intersubjetiva do acontecimento na interpretação freudiana. Isto remete à excitação provocada pelo beijo de Gustavo, que se caracteriza como uma mensagem a ser decifrada, mensagem impregnada pelo inconsciente adulto. Mensagem que será traduzida e reinvestida, na fase da puberdade, tornando-se insistente.

Laplanche (1999) acrescenta a ideia de tradução ao conceito de *après-coup*. De um lado, como vimos, ele introduziu a noção de outro, e agora veremos como a mensagem proferida por este outro é, posteriormente, retraduzida e reinterpretada.

O autor se distancia de uma posição puramente hermenêutica, no sentido de que o passado é reinterpretado em relação ao presente, pois considera que o passado contém a mensagem do outro, que pede sua decifração, o que faz com que o passado não seja algo bruto e não transformado.

⁹ À ce moment, la trace du baiser se trouve réinvestie de l'intérieur, et avec pour résultat une excitation beaucoup plus forte - submergeante - que ne l'avait été l'excitation infantile précoce. Comme le schéma proposé dans l'Entwurf l'indique, l'excitation est: 1) beaucoup plus intense, 2) survenant de l'intérieur, du côté où le sujet ne s'attend pas à être <attaqué>. D'où l'absence de préparation, et le effet de surprise, qui vont déclencher le processus pathologique du refoulement.

De acordo com o modelo de tradução - destradição - retradição laplancheano, a mensagem do outro é retraduzida, seguindo uma direção temporal alternadamente retrogressiva e progressiva, pois o sujeito tende a interpretar seu passado, que apela para uma tradução, em vista de sua situação presente.

No artigo *Curto tratado do inconsciente*, Laplanche (1999) aprofunda os conceitos relativos ao modelo de tradução. As tentativas da criança de tradução contêm falhas, pelo fato de que as mensagens são enigmáticas para o próprio emissor. Aquilo que escapa às primeiras tentativas da criança em traduzir, de forma mais ou menos coerente, as mensagens provenientes do adulto é o que Freud denominou de representações-coisa e Laplanche de objetos-fonte, e que formarão o inconsciente.

Laplanche (1999) propõe o modelo da substituição significativa ou da metábole, em 1959, derivado de um esquema de Lacan, contudo bastante diferenciado dele.

Nesse modelo o sujeito tenta uma tradução de uma mensagem (significante S1) a ele proposta, substituindo-o por um novo significante (S2). Acompanhemos:

Eu lembro que se trata, na presença de uma mensagem (um significante S1) proposta ao sujeito de tentar uma <tradução>, substituindo um novo significante (S2) pelo significante inicial S1. S2 estando com S1 em uma relação o mais frequentemente complexa, feita de semelhanças, de contiguidades, senão de oposições. A fórmula inicial se escreveria assim:

$$S1/s \times S2/S1 = S2/s / S1/S1$$

O processo tradutivo sendo comparado à ação de um multiplicador S2/S1 sobre um multiplicando S1/s.

A fórmula, tal como reproduzida aqui, será aquela das primeiras traduções que a criança faz das mensagens adultas. Estas traduções são (segundo a fórmula do próprio Freud) acompanhadas de falhas de tradução, que são precisamente os primeiros recalamentos ou recalamentos originários. O principal mérito deste esquema é de apresentar ao espírito este paradoxo de um resíduo de tradução, o qual não significa

mais que ele mesmo: S1/S1. Mas, em equações simples como esta aqui, a matemática insiste na conservação da quantidade e é inapta a dar conta do reviramento de um *metabolismo* psíquico. É necessário então aceitar que as duas metades do esquema não correspondem a uma igualdade (=) mas a uma transformação (→). Do lado esquerdo, trata-se de uma mensagem a traduzir (M1) e não de significante (não se traduz um significante). Do lado direito, achamos, de uma parte a tradução parcial da mensagem (M2), de outra parte o (ou os) significante (s) recalcado (s) S1/S1. Uma formulação mais aproximada do recalçamento originário será então algo como:

$$M1/ s \times M2/M1 \rightarrow M2/s / S1/S1.$$

Isto deixa a entender que o significante S1 recalcado é um remanescente da mensagem e não a totalidade daquela. A mensagem é parcialmente traduzida e parcialmente recalçada. O ponto crucial para compreender o esquema tradutivo é entender que o recalçamento não pode ser considerado como um caso particular de armazenamento (Laplanche, 1999, pp. 81-82 e 83).¹⁰

¹⁰ Je rappelle que'il s'agit, em présence d'un message (un signifiant S1) proposé au sujet de tenter une <traduction>, en substituant un nouveau signifiant (S2) au signifiant initial S1. S2 étant avec S1 dans un rapport le plus souvent complexe, fait de ressemblances, de contiguités, voire de oppositions.

La formule initiale s'écrivait donc:

$$S1/s \times S2/S1 = S2/s / S1/S1$$

Le processus traductif étant comparé à l'action d'un multiplicateur S2/S1 sur une multiplicande S1/s.

La formule, telle qu'elle est reproduite ici, serait celle des premières traductions que l'enfant se donne des messages adultes. Ces traductions sont (selon la formule mule de Freud lui même) accompagnées d'échecs de traduction, qui sont précisément les premiers refoulements ou refoulements originaires.

Le principal mérite de ce schéma est de présenter à l'esprit ce paradoxe d'un résidu de traduction, lequel ne signifie plus que lui même: S1/S1.

Mais, dans des équations simples comme celle-ci, la mathématique insiste sur la conservation de la quantité et est inapte à rendre compte du bouleversement d'un *metabolisme* psychique. Il faut donc accepter que les deux moitiés du schéma ne correspondent pas à une égalité (signe=) mais à une transformation (signe →).

Du côté gauche, il s'agit de message à traduire (M1) et non de signifiant (on ne traduit pas un signifiant). Du côté droit, on retrouve, d'une part la traduction partielle du message (M2), d'autre part le (ou les) signifiant (s) refoulé (s) S1/S1.

Une formulation plus approchante du refoulement originnaire serait donc quelque chose

Ainda, a primeira inscrição não necessita de uma tradução, ela é pura e simples implantação. As mensagens adultas enigmáticas suportam um remanejamento, um deslocamento, sendo que alguns de seus aspectos são traduzidos, enquanto que outros elementos são excluídos da tradução e tornam-se inconscientes.

O recalçamento, para Laplanche (1999), está inserido no tempo da temporalização, ou seja, no tempo da tradução dos enigmas provenientes do outro, mas, mais exatamente, em uma falha da temporalização, até porque o recalçamento negligencia a tradução. O movimento de tradução tem como motor o endereçamento enigmático do outro¹¹, que conserva algo fora dele, algo que não pode ser traduzido, que se torna o inconsciente, o outro interno, o qual funciona como agente, como objeto-fonte, e que procura constantemente penetrar na existência consciente. Para Laplanche (1999), "o inconsciente é outra coisa em mim, isto quer dizer, resíduo recalçado de outra pessoa. Ele me afeta, assim como outra pessoa afetou-me uma vez" (p.103).

Na metapsicologia laplancheana, a tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível pré-consciente. O pré-consciente - essencialmente o ego - corresponde à maneira que o sujeito se constitui. A tradução das mensagens, incoerentes, é sempre imperfeita, deixando de lado restos. São esses restos que constituem por oposição ao ego pré-consciente o inconsciente em seu sentido próprio, no sentido freudiano do termo. O inconsciente é marcado pelo sexual, mas o inconsciente da criança não é, de nenhuma maneira, a cópia do inconsciente adulto, em razão do duplo metabolismo que o sexual levou neste percurso: deformação da mensagem acordada¹² no adulto, em seguida, na criança receptora, trabalho de tradução que remaneja completamente a mensagem implantada (Laplanche, 2007). Aqui, a criança, a princípio em posição passiva, põe-se em atividade.

O processo de recalçamento e a constituição do aparelho são correlativos. O recalçamento é criador, segundo Laplanche (1987/1992), da separação entre forças

comme: M1/ s x M2/M1 → M2/s / S1/S1.

Ceci laisse entendre que le signifiant refoulé S1 est un reliquat du message M1 et non pas la totalité de celui-ci. Le message est partiellement traduit et partiellement refoulé.

3. Le point crucial pour comprendre le schéma traductif est de bien tenir l'idée que le refoulement ne peut pas être considéré comme un cas particulier de mise en mémoire.

¹¹ Para Laplanche (1999) a pulsão de tradução origina-se deste intraduzível ou do imperfeitamente traduzido proveniente do outro.

¹² Acordada, para Laplanche (2007), tem o sentido de retorno do recalçado.

sexuais de desligamento e forças sexuais de ligação. O recalçamento tende a quebrar as conexões entre os elementos das mensagens, destruindo a relação significante-significado. Os significantes-designificados persistem no inconsciente.

As forças sexuais de ligação, denominadas de Eros por Freud, acham-se no ego e tendem a estabelecer a síntese. Contudo, a força sexual, denominada libido, é a mesma, tanto para o desligamento quanto para a ligação. Então, para Laplanche (1987/1992), há no id forças ligadas e não ligadas, assim como no ego. O autor distingue dois tipos de ligação: a ligação por meio de uma forma imposta como se fosse do exterior, como pertencendo aos elementos agressores da pulsão; e a ligação pela simbolização, o que seria uma integração dentro das estruturas simbólicas, capaz de ordenar grande parte da estrangeirice pulsional. Assim, segundo Laplanche (2007), o inconsciente recalçado é a origem das pulsões, pulsões sexuais de vida e de morte.

Para o autor, a pulsão é constituída pela implantação da sedução na criança, portanto, proveniente do outro, e pelas suas tentativas de tradução. Para Freud (1900/1996), a pulsão refere-se a estímulos provenientes do interior do corpo e que necessitam de descarga. Em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1915/1996) define a pulsão do seguinte modo:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um 'instinto' nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (p. 127).

O caráter endógeno da pulsão fica evidente em Freud por situá-la como um conceito limite entre o corpo e o psíquico, resultante dos estímulos provenientes do corpo, mas que também gera registros na psique. Em *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, Freud (1905) já havia dito que a pulsão é um representante psíquico de uma fonte somática, constituindo-se, também, como um conceito limite entre o psíquico e o somático. Já para Laplanche, diferentemente de Freud, a pulsão é entendida como resultado da sedução proveniente do outro e implantada na criança, portanto não teria um *status* endógeno.

Para Laplanche (1997a), os dois tempos do recalçamento originário¹³ não podem ser apartados do nascimento do ego. No primeiro tempo não há um ego, há somente o indivíduo; é possível também dizer que o ego coincide com o indivíduo. Já no segundo tempo ocorre o nascimento do ego como instância, em que ele é uma parte do aparelho. Os vários tempos de nascimento do ego são equivalentes ao narcisismo primário. Isto é importante para situar a questão do significante enigmático, o qual, no primeiro tempo, encontra-se quase que externo, na periferia do ego-indivíduo, nas zonas erógenas. No segundo tempo, o resto recalçado do significante enigmático, o objeto-fonte, passa a ser interno.

Os grandes complexos como o de Édipo e o de Castração seriam elementos ligadores, assim como todos os grandes mitos coletivos ou individuais, arcaicos ou mais recentes. O Édipo e a Castração permitiriam controlar e organizar uma angústia proveniente das mensagens adultas. Os mitos individuais seriam permeados por elementos narcísicos, permitindo às identificações ganharem este aspecto de mobilidade através de sua inserção nos cenários forjados pelo próprio indivíduo para dar forma ao enigmático.

A criança, confrontada pelas mensagens enigmáticas do adulto, intraduzíveis pelos únicos meios de códigos relacionais que ela tem a sua disposição, os códigos autoconservativos, deve encontrar novos códigos no seu meio cultural geral. Estes códigos são, geralmente, esquemas narrativos pré-formados que funcionam como uma verdadeira ajuda para a tradução realizada pela criança (Laplanche, 2007).

O autor situa as estruturas narrativas coletivas do lado recalçador - o que inverte a posição freudiana de situar o nó do inconsciente na relação edipiana - naquilo que vem lhe colocar ordem e finalmente dessexualizar, em nome da família e da procriação. O Édipo, portanto, não se encontra do lado do sexual primário, conferindo a ele até uma ausência do sexual, mas sim do lado das agências recalçadoras¹⁴ (Laplanche, 2007).

¹³ Segundo Laplanche (1997b) o primeiro tempo do recalçamento é a introjeção originária e o segundo tempo é o recalçamento propriamente dito.

¹⁴ Por mais que o Édipo, aqui, seja entendido como estrutura recalçadora, é inevitável o questionamento a respeito de sua importância na neurose e da resistência que causa sua interpretação. Contudo, compreendemos que isto pode ser explicado pela prioridade que Laplanche (1999) concede à sedução em relação aos outros cenários invocados como originais. Para o autor, estes outros cenários (Castração, cena originária, Édipo) têm como núcleo uma sedução, já que transmitem uma mensagem no sentido adulto-criança.

Então, os mitos culturais e simbólicos vêm ajudar a criança a ligar, simbolizar e traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que vêm do adulto (Laplanche, 2007).

Este enigmático vindo do outro comporta, para Laplanche (1987/1992), tanto elementos de ligação como de desligamento. Elementos de instabilidade e agressão são forças sexuais de desligamento incluídas nas mensagens, entretanto há também forças sexuais de ligamento nas mensagens através do amor e dos cuidados, ligação que permite à criança fazer sua autoteorização, ou, em outros termos, sua ptolemização (Laplanche, 1987/1992).

Existirá, não somente na criança, mas em todo ser humano, um conjunto de mensagens intraduzíveis: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras em espera provisória de tradução. Tradução que pode ser realizada por uma reatualização, uma reativação. O inconsciente dito bloqueado pode ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera (Laplanche, 2007).

Os significantes recalcados são dessignificados, não importando se são significantes intelectuais ou afetivos. O inconsciente, para Laplanche (1997b), é o "a traduzir", ou seja, aqueles resíduos intraduzíveis das mensagens enigmáticas implantadas no sujeito, e não um reservatório biológico de pulsões inatas, assim como Freud o concebeu. Aquilo que não passa pela tradução, ou seja, que é deixado cair, não é uma segunda mensagem que se acharia diretamente no inconsciente do receptor. Estes resíduos de tradução são restos isolados e deformados.

O fundo, o corpo inesgotável que cada ser humano, ao longo de sua existência, se esforça para traduzir em seus atos, nas suas palavras e na maneira de se representar a si mesmo, é esta intraduzibilidade que nós nomeamos inconsciente, intraduzível, mas sem cessar retraduzido - mais ou menos bem segundo o caso - sobre o qual avança a autoteorização de todo ser humano, mas que ela não pode reduzir senão de maneira precária e assintomática (Laplanche, 1997b, p.331).¹⁵

¹⁵ Le fonds, le corpus inépuisable que chaque être humain, au cours de son existence, s'efforce (*en dernier ressort*) de traduire dans ses actes, dans ses paroles et dans la façon dont il se représente à lui même, c'est cet intraduisible que nous nommons l'inconscient, intraduisible mais sans cesse

A necessidade de tradução, denominada por Laplanche (1997b) de pulsão de tradução, provém deste intraduzível, que faz sua exigência de tradução. Diz-nos o autor:

O movimento de temporalização: presente-passado-futuro é um movimento de destradição e retradição. Ele pressupõe um já traduzido anterior, mas também um "a traduzir" primordial, que nós chamamos de inconsciente (Laplanche, 1997b, pp. 331-332).¹⁶

Laplanche (1997b) situa este desequilíbrio entre o "a traduzir" e a tradução presente imperfeita, na situação universal e originária da sedução. Eis como o autor a define:

A sedução deve se definir como relação passividade-atividade - esta aqui sendo ela mesma levada no sentido cartesiano - o ativo é aquilo que comporta mais de saber, de experiência que o passivo. Demais, nesta dissimetria, a psicanálise introduz o complemento essencial, que aquele mais é mais de saber inconsciente no sedutor que no seduzido (p. 332).¹⁷

Laplanche (1997b) afirma que a passividade, emprestando a definição de Espinoza, se dá pelo fato de que alguma coisa ocorreu em nós, mas que a causa não está em nós, ao menos parcialmente. Já a atividade pressupõe que nós somos a causa de algo ocorrido em nós ou fora de nós, ou seja, que sabemos distinguir e conhecer esta causa. A passividade ainda pode ser entendida como inadequação a simbolizar em nós aquilo que vem do outro. Ela não se refere ao gestual,

retraduit - mieux ou moins bien selon les cas - sur lequel *mord* l'auto-< théorisation> de tout être humain mais qu'elle ne peut réduire que de façon précaire et asymptotique.

¹⁶ ..le mouvement de temporalisation: présent-passé-futur est un mouvement de détraduction-retraduction. Il présuppose un déjà-traduit antérieur, mais aussi un à-traduire primordial, que nous nommons inconscient.

¹⁷ La séduction doit se définir comme relation passivité-activité, celi-ci étant elle-même prise au sens cartésiens: l'actif est celui qui comporte plus de savoir, d'expérience, etc., que le passif. De plus, dans cette dissymétrie, la psychanalyse introduit le complément essentiel, que <ce> plus est *un plus-de-savoir-inconscient* chez le séducteur que chez le séduit.

comportamental e a iniciativa, mas à dissimetria em compreender e simbolizar o que lhe é feito ou colocado. A passividade da criança em relação ao adulto também é encarada como a intrusão do fantasma do outro adulto na criança.

O ser humano vai, a sua maneira, autoteorizar, a fim de tentar responder a estas mensagens enigmáticas através de uma visão de mundo. Estas novas traduções vão mascarar este arcaico "a traduzir". Dar-se-á, na evolução das etapas e estágios, um movimento de destruição-retradução, a partir das linguagens de oralidade, analidade, genitalidade, de um "a traduzir" originário (Laplanche, 1997b).

A temporalização, para Laplanche (1997b), "designa o modo segundo o qual o existente humano se organiza segundo o tempo, tentando tomar de si mesmo, a cada novo movimento, uma nova perspectiva" (p.335).¹⁸

¹⁸ La temporalisation désigne le mode selon lequel l'existant-humain s'organise selon le temps. en tentant de prendre de lui-même, à chaque nouveau tournant, une nouvelle perspective.

CAPÍTULO 3 - A IDENTIFICAÇÃO NA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA

Neste terceiro capítulo, propomos uma concepção da identificação para a Teoria da Sedução Generalizada através de um exame da obra de Freud. Contudo, é fundamental salientar, que não se pretende abordar o que Laplanche disse sobre a identificação em Freud, posto que suas contribuições sobre isso já foram ressaltadas no primeiro capítulo. Sabemos o quanto são admiráveis as contribuições de Laplanche como grande tradutor e comentador de Freud. Entretanto, pela Teoria da Sedução Generalizada, como arcabouço teórico próprio, diferenciando-se de Freud em vários aspectos, Laplanche abre a possibilidade de indagarmos como o conceito freudiano da identificação comporta-se em relação à estrutura teórica por ele apresentada, o que nos permite desse modo reavaliá-la. Portanto, cabe-nos a pergunta: como podemos situar a identificação dentro da metapsicologia laplancheana da Teoria da Sedução Generalizada?

Este capítulo será dividido em quatro (4) itens denominados: passividade e atividade na sedução e na identificação; o sujeito e o outro; o sexual nos processos estruturantes de identificação e sedução; os mitos e a identificação; identificação como tentativa de elaborar a sedução.

3.1 PASSIVIDADE E ATIVIDADE NA SEDUÇÃO E NA IDENTIFICAÇÃO: O SUJEITO E O OUTRO

Quando Freud teoriza a respeito da identificação, somos levados, quase que imediatamente, a considerar este processo como puramente individual.

A criança em Freud identifica-se, para encontrar uma saída. Por diversas vezes, o autor tratou a identificação como uma forma de escape para o sujeito, uma compensação, como se pode observar: “Se alguém perdeu um objeto, ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se compensa disto identificando-se com ele e restabelecendo-o novamente no ego, de modo que, aqui, a escolha objetal regride, por assim dizer à identificação” (Freud, 1932, p. 68).

Por mais que a identificação seja um processo quase automático em Freud, principalmente as identificações ditas estruturantes, ela é decorrente de um

abandono do objeto, objeto este que não seria abandonado se fosse pela vontade do sujeito. Portanto, acreditamos que, em Freud, o sujeito, mesmo que mecanicamente, é compelido a identificar-se.

Escape ou compensação de quê? Retornaremos adiante.

Cabe aqui, neste momento, enxergarmos esta criança que, conseqüentemente à retirada de investimentos objetivos (salvo na identificação primária), produz a identificação. Por excelência, encontramos uma criança ativa, pois o processo parte dela e acaba nela, mesmo tendo incorporado traços do outro em si. É uma criança que renuncia à satisfação e que, então, se depara com a identificação. A atividade está presente em todos os tipos de identificação expostos no primeiro capítulo deste trabalho, até mesmo na identificação primária, visto que na identificação canibalística o sujeito introjeta o objeto, mas o faz de modo muito violento, como ressalta Ramos (1997), pois há um aspecto de destruição do objeto também presente.

Assim como nas identificações pertencentes ao complexo de Édipo, este outro também será introjetado, por uma escolha relativa ao objeto de amor. A identificação nos mostra um aspecto agressivo do sujeito, como sugere Ramos (1997), pois ele recorta algo no outro que lhe interessa, inserindo esse algo em si mesmo.

Vejamos a análise de Ramos (1997):

Não se trata simplesmente de um processo de imitação, mas de algo ativo, de um movimento de recorte e de manipulação do modelo, como do ego. Ora, vejamos, o ego vai se transformar de uma maneira intencional e de uma maneira escolhida - o que não tem nada a ver com a vontade e a consciência - e esta escolha funciona como um corte do modelo do outro e a escolha das partes resultantes que serão colocadas no ego. Trata-se também de uma relação de poder e de um ato ativo de conhecimento, porque o sujeito reconhece o objeto, ele o descreve por ele mesmo, recortando-o e escolhendo suas características e aí mesmo, a própria forma que ele vai ter. O sujeito vai ser como o outro, mas a partir de um ato ativo de poder e de conhecimento (isto não implica, de maneira alguma, uma vontade de tipo consciente ou uma cognição de tipo lógico, eu o repito); o canibal vai comer aqueles que ele ama, mas diríamos, ele vai escolher aquilo

que ele ama no outro. Assim, o ser se molda, antes de tudo ele mesmo, a partir de uma relação para o outro, mesmo se ele é tocado - e moldado - pelo significante do outro e de seu desejo. Pode ser que haja aqui uma dialética entre se moldar e ser moldado, e aqui está a identificação como vínculo ativo por excelência (pp. 132-133).¹⁹

O que nos chama atenção aqui é a relação dialética entre moldar e ser moldado. A ideia da existência de uma inconsciência do processo retira o fator de desejo ativo por parte do sujeito. Através da identificação, o sujeito torna-se ou comporta-se, geralmente, de maneira igual ao objeto, contudo, o tornar-se igual nos parece apenas um efeito resultante da identificação e não a causa mesmo deste processo. Não há um desejo expresso, pelo menos de maneira consciente. É como se o motivo da identificação estivesse latente, atrelado a outro desejo, mas produzisse este efeito, da mesma maneira que acontece no lapso, ou seja, sendo o efeito de um desejo inconsciente. Ao mesmo tempo em que a identificação gera uma aproximação entre os identificados, através do mesmo comportamento ou sintoma, o seu contrário também se estabelece, pois através dela o indivíduo, por meio de inúmeras identificações, se produz, ele mesmo, de uma mescla de diversos indivíduos, parecendo-se em apenas alguns traços com eles e também se diferenciando deles pela identificação com inúmeros sujeitos e por dar um sentido próprio aquilo que retirou do outro. No contexto da identificação como compensação, não nos parece que o sujeito foi assim obrigado a proceder? Obrigado por quem e por quê? Ainda, realmente existe uma atividade neste processo?

A dialética de moldar-se e ser moldado nos conduz à noção de sedução explicitada anteriormente. Parece-nos, justamente, que o processo de identificação ganha uma contribuição fundamental quando o analisamos de forma dialética. Ser

¹⁹ Il ne s'agitait pas alors simplement d'un processus de *mimèse*, mais de quelque chose d'actif, d'un mouvement de découpage et de manipulation du modèle aussi bien que du moi. Or, voyons, le moi va se transformer d'une façon intentionnelle et d'une manière choisie - ce qui n'a rien à avoir avec la volonté et la conscience - et ce choix des parties résultantes qui seront rendues en *moi*. Il est question aussi d'une relation de pouvoir et d'un acte actif de connaissance, parce que le sujet reconnaît l'objet, il le décrit pour lui-même en le découpant et en choisissant ses caractéristiques et, par là même, la forme même qu'il va avoir. Le sujet va être comme l'autre, mais à partir d'un acte actif de pouvoir et de connaissance (ce n'implique pas du tout une volition de type conscient ou une cognition de type logique, je le répète); le cannibale va manger ceux qu'il aime, mais, dirons-nous, il va choisir ce qu'il aime dans l'autre. Ainsi, l'être se forge avant tout lui-même à partir d'une relation envers l'autre, même s'il est touché - et forgé - par le signifiant de l'autre et de son désir. Peut-être a-t-il là une dialectique entre se forger et être forgé, et voilà l'identification comme lien actif par excellence!

moldado pressupõe a presença massiva de um outro, que insere neste indivíduo, responsável pela identificação, seus significantes, desconhecidos de si mesmo, mas implantados no outro sobre a forma de um enigma. Se, ao mesmo tempo notamos a presença de uma atividade por parte do sujeito, também é possível pressupor uma passividade iminente em deixar-se moldar pelos traços deste outro. Neste sentido, Ribeiro (2000) propõe que a criança é identificada pelo adulto, comportando-se de modo totalmente passivo. O adulto projeta o próprio narcisismo e introduz sua sexualidade.

Neto (2009) traz a vertente passiva da identificação quando afirma que a identificação do menino com o pai, proposta por Freud, apesar de insinuar um caráter de atividade pela apropriação das características daquele, também contém fantasias de incorporação desses atributos de forma homossexual.

Portanto, percebemos a presença fundamental de um outro, na identificação freudiana, embora não de maneira explícita, alguém que se coloca como modelo identificatório, mas que se disponibiliza, sobretudo, como objeto de amor. Pensar na identificação com base no indivíduo é uma coisa, pensar nela como sendo um processo centrado no sujeito é outra, pois esta última implica a desconsideração do outro no processo. Seguindo a ótica laplancheana, parece que Freud escotomizou o outro do processo identificatório devido a uma postura ptolomaica, ou, então, a abolição do outro se deva à tendência do ser humano, aqui também presente em Freud, em integrar esta alteridade radical proveniente do outro e, tendo feito isso, deixa de perceber como se deu o processo.

A identificação com o objeto parcial (seio), identificação ao pai da pré-história, identificação com a onipotência, identificação com os pais do complexo, todas elas nos remetem a formações psíquicas que delineiam e moldam a identidade/personalidade do sujeito. Com base nisso, fica difícil conceber o ser humano como um invólucro isolado, se a partir destes objetos ele se insere na vertente humana. Os objetos introduzidos em seu interior e os precipitados que se formarão em decorrência marcam definitivamente uma noção intersubjetiva de sujeito.

Para Maduenho (2006), “o sujeito psicanalítico nunca mais será o mesmo; nunca mais poderá ser definido a partir de uma lógica identitária assentada apenas nele mesmo. Não há solipsismo possível frente a essas consequências constitucionais” (p. 21).

E ainda:

...revela-se que além do processo psíquico da identificação esse acontecimento recoloca os dois sujeitos que o compõe para além do corte cartesiano, entrelaça-os em um tipo íntimo de contato. Por meio de identificação, os sujeitos encontram-se, indiscriminam-se, discriminam-se, comunicam-se e se transformam (Maduenho, 2006, p. 21).

Este outro, geralmente o adulto, por mais oculto que esteja nas palavras literais de Freud referentes à identificação, apresenta-se disfarçado neste objeto, do qual o sujeito, em termos, se apropria. Freud quase não comenta o papel do outro no processo identificatório e, quando o faz, o relaciona à formação das instâncias como o ego e o superego. Além deste escamoteamento, o que Freud negligencia é o desejo do outro no processo, isto é, a sedução.

O outro de Laplanche convoca a criança a entrar no tempo da temporalização, a inserir-se em um meio de linguagem, seja verbal ou não verbal, na situação antropológica fundamental.

Laplanche (2007), ao discutir a problemática do gênero, propõe inverter a noção de identificação primária, a partir da lógica da Teoria da Sedução Generalizada: ela não se configura como um "se identificar com", mas "um ser identificado por". Acreditamos que também é possível estender esta inversão para os demais tipos de identificação. Então, nos parece que a balança, no processo identificatório, pesa mais do lado do outro, se considerarmos a lógica laplancheana. Parece-nos que este outro, da sedução, aquele que implanta suas mensagens enigmáticas na criança, está convocando a criança para tal identificação, o que nos leva a pensar que na TSG, talvez, ocorra uma inversão radical da atividade/passividade no processo identificatório.

Lembremos que a passividade referida pela Teoria da Sedução Generalizada é entendida como algo que ocorreu no sujeito, mas que a causa disto não está nele, ao menos parcialmente. Esta concepção de passividade nos guiará a um pensamento perturbador: talvez seja possível formular que a criança em Freud, criança compelida a identificar-se, seja passiva neste sentido, sendo a causa de sua identificação um abandono de seus investimentos objetivos por uma obrigação, uma

convocação do outro.

O segundo entendimento de passividade é a incapacidade de simbolização daquilo que vem do outro. O que vem do outro na identificação? Parece-nos que é a mensagem sexual do outro aquilo que chega à criança. Posto isso, a via de atividade do sujeito também se abre, pois se algo vem deste outro, o sexual, a criança terá que tratá-lo de algum modo. Se a criança terá que lidar com isso, pressupõe-se aqui um caráter de atividade. Mas como a criança o fará? No último subitem deste capítulo discutiremos a forma de tratamento do que vem do outro pela criança.

Parece que estamos em uma encruzilhada. Afinal, a criança é ativa ou passiva na identificação, segundo a Teoria da Sedução Generalizada? O outro é ativo ou passivo?

Neste momento, a identificação vista sob a ótica da sedução nos leva a pressupor um caráter tanto passivo quanto ativo do sujeito e do outro neste processo. Não estamos discutindo o papel da criança na situação antropológica fundamental, pois, nesta, ela tem um viés inteiramente passivo, mas sim seu papel na identificação.

O viés de passividade foi explorado neste capítulo e também o da atividade, entretanto esta última ganha uma nova discussão quando inserimos um outro ponto: a tradução. Retornaremos adiante.

3.2 O SEXUAL NOS PROCESSOS ESTRUTURANTES DE IDENTIFICAÇÃO E SEDUÇÃO

Vimos que a sedução possui um papel estruturante para o sujeito, assim como a identificação (cf. cap. II, supra). Ora, seria cabível perguntarmos se uma é mais estruturante que a outra? Ou, ainda, qual a relação desta sedução estruturante com a estruturação mediada pela identificação? Mais ainda, qual a relação entre o fator sexual destas mensagens com a identificação?

Primeiramente, vamos analisar o aspecto estruturante ou organizador que cabe à sedução na teoria laplancheana e à identificação na teoria freudiana.

Até aqui vimos como a identificação está entrelaçada com a constituição do aparelho psíquico. Pelas experiências do sujeito com o mundo externo, a máquina

psíquica de Freud vai se formando em sua obra. Ego, ideal do ego, superego serão consequências da relação do sujeito com o mundo e se formarão a partir de certas identificações. Quando Freud (1923/1996) se propõe a explicar o surgimento do ego, ele afirma que todas as experiências do mundo externo enriquecem o ego, assim como também o contato com o mundo interno, o id, que Freud chama de segundo mundo externo para o ego. É a libido do id, proveniente dos seus investimentos objetais abandonados, que será utilizada na formação do ego, para Freud, nas estruturas do ego. Da mesma forma, Freud (1932/1996) descreve uma relação estrutural para definir a existência do superego. Isso nos indica a noção de estrutura a partir de uma relação: relação com os pais. Estrutura, portanto, que nasce de uma identificação com um objeto abandonado.

Ressaltamos, portanto, que a estruturação do ser humano, em Freud, parte das identificações com os objetos. Da identificação primária com o pai da pré-história surge o ideal, o ego surge da libido retirada dos investimentos de objetos e o superego da identificação parental. Estas instâncias são introduzidas no psiquismo através da introjeção dos objetos abandonados e a partir disso o sujeito se estrutura²⁰.

A identificação, portanto, em Freud, assume um aspecto essencial no que tange à formação do aparelho psíquico, essencialmente com relação ao ego e às suas instâncias derivadas. Mas e o inconsciente? Qual sua relação com a identificação? Por mais que a identificação seja um processo inconsciente, ela sempre está relacionada a um modo empregado pelo ego para constituir-se. Laplanche (1980/1993), como vimos no primeiro capítulo, distingue identificações mais ou menos estruturantes para o sujeito, sendo as primeiras derivadas do complexo de Édipo. O próprio Freud (1923/1996) salientou que os efeitos das

²⁰ Em *O Ego e o Id*, notamos outro ponto obscuro em Freud quando afirma: "essas identificações não são o que esperaríamos, visto que não introduzem no ego o objeto abandonado" (Freud, 1923, p. 45). Há um parêntese após "essas identificações" nos remetendo às identificações propostas na página 50, as quais se referiam a identificação melancólica e a formação do caráter do ego pela introjeção do objeto, assim como na melancolia. Bem, nestes dois casos, como vimos acima, Freud indica que há a introjeção do objeto no ego, mas aqui, quando explica o Complexo de Édipo, parece afirmar que as identificações a ele pertencentes não produzem a introjeção destes objetos. Portanto é possível pensar que a identificação não resulte necessariamente e frequentemente em uma introjeção do objeto no ego, mas ocorra de outra forma? Ainda, talvez isto signifique que estas identificações não sejam estruturantes, como antes pensado? Como fica a afirmação de que a identificação é um processo de renúncia ao objeto e ao mesmo tempo sua introjeção? Será que é válido considerarmos esta afirmação, ou ela apenas é mais um ponto obscuro na "teoria da identificação" em Freud? Vemos que em todas as explicações de Freud a respeito da identificação, exceto na afirmação acima, a introjeção está presente como resultado do Complexo de Édipo.

identificações realizadas na infância são mais duradouros.

As identificações históricas ou identificações corriqueiras que fazemos ao longo da vida são menos estruturantes para o sujeito, já que permitem uma mobilidade maior em número, ou seja, uma profusão de identificações históricas, e em grau, a saber, são facilmente desfeitas e trocadas por outras.

Elas indicam, como nos apresenta Assoun (2000), a marca da psicanálise, ou seja, o desvelamento do inconsciente, já que a identificação histórica se manifesta sobre um traço único do objeto. Esse traço único, em Freud, seria a concepção de imitação de algo do outro, como vimos nos vários exemplos das identificações de Dora. Esta noção de traço assinala propriedades ainda mais relevantes concernidas ao inconsciente como um objeto metapsicológico, pois situa a origem do fantasma neste traço marcante e impressionante. Portanto, esta noção leva a lógica parcial do objeto inconsciente da metapsicologia (Assoun, 2000). Ora, por mais que as identificações históricas determinem certas atitudes, como Freud mesmo ressaltou, ao analisar os aspectos da vida cotidiana e perceber as manifestações do inconsciente, presentes em todo o indivíduo, elas se configuram como mais móveis e não determinam de maneira rígida o comportamento. Mesmo se analisarmos as identificações ditas estruturantes, como as derivadas do complexo de Édipo, não há uma relação tão direta entre estas identificações e a escolha futura de objeto. Contudo, se pudéssemos colocar as identificações sob uma escala métrica, diríamos que as identificações estruturantes determinam mais fortemente a personalidade do sujeito em vista das identificações realizadas na vida adulta que não contribuíram para a formação do aparelho psíquico.

E a sedução como estruturante? Qual é sua relação com a estruturação realizada pela identificação? É necessário distinguirmos estes dois tipos de estruturação.

A sedução, como visto no capítulo anterior, é estruturante do psiquismo no sentido de sua gênese, de sua constituição, pois será através dos resíduos das mensagens enigmáticas não traduzíveis que o inconsciente irá se constituir. A estruturação concernente à identificação situa-se no plano do ego e de suas instâncias derivadas: ego ideal, ideal de ego e superego. Logo, a sedução é mais primitiva e fundamental que a identificação.

Há, portanto, uma importância, totalidade e anterioridade referente à sedução, enquanto que a identificação surge depois da implantação das mensagens

do outro. Laplanche (1997b) no artigo *Implantação, Intromissão* afirma que todos os processos em que o sujeito está em causa, utilizado pela teoria psicanalítica (projetar, introjetar, identificar-se etc.), têm sido analisados de forma a escotomizar que o processo vem originalmente do outro. Segundo o autor, esses processos em que o sujeito manifesta sua atividade são secundários em relação ao tempo originário, tempo da passividade e da sedução. Bem, e como se relaciona a identificação com a sedução?

Lembremos que Freud (1921/1996) descreve o mecanismo de identificação histórica situando a existência de um traço comum a duas pessoas:

Um determinado ego percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido (p. 117).

Acreditamos ser possível pensar que toda identificação é feita pelo ego a partir de um ponto de coincidência e que, geralmente, este ponto de coincidência ou o ponto chave que proporciona a identificação fica reprimido. Isto porque nos parece marcante, na identificação, esta característica de algo não conhecido pelo sujeito, mas que o afeta especialmente, e que, portanto, fica reprimido. Esta característica nos leva a pensar na afirmação de O. Mannoni (1987/1994) sobre o fato de ser a identificação um tipo de pensamento que não necessita de justificativa, pois a causa permanece sempre obscura, e ela só vem a ser consciente quando o sujeito desidentifica-se.

Como vimos, Freud (1900/1996) afirma que na histeria a identificação é utilizada como forma de expressar um elemento sexual comum. Então se pode pensar que em toda identificação há algo de sexual ou apenas nas identificações históricas? Acreditamos, com base nas identificações propostas por Freud, que em todo processo identificatório este elemento comum, identificado por Freud, seja sempre de conteúdo sexual. Por mais que Freud exemplifique, no caso da identificação histórica, um elemento sexual baseado na genitalidade, nossa proposta

não segue este parâmetro da sexualidade genital adulta, mas sim a sexualidade infantil descentralizada. Aqui não estamos dizendo que toda identificação, tal como Freud a propõe, é baseada na sexualidade genital, apenas as identificações históricas, até porque para Freud a identificação se baseia no canibalismo infantil (e, portanto, é também, um processo sexual).

Para construir um percurso através do qual se possa visualizar a sexualidade como ponto de coincidência da identificação entre duas pessoas ou mais, buscaremos alguns trechos na obra freudiana referentes à identificação, de forma a mostrar que, sempre que Freud traz a identificação, algum caráter sexual se explicita. Importante ressaltar que os exemplos que serão imediatamente lidos referem-se ao sentido descritivo, isto é, apenas a descrição dos fenômenos e, neste momento, não tem a intenção de explicação do fenômeno.

Em *Sobre os sonhos* (1900/1996), mas especificamente em sua sétima parte, Freud trata da figurabilidade dos conteúdos dos sonhos, ou seja, o conteúdo sendo representado através de metáforas e imagens visuais: traz-nos um sonho que tem por personagem um paraplégico, e confirma o uso do conceito de identificação, como se pode observar:

Na realidade, o eu desse sonho não representa apenas meu amigo, mas também a mim. Identifiquei-me com ele porque o destino de sua descoberta parecia prenunciar a recepção das minhas. Se eu expusesse minha teoria que ressalta o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia dos distúrbios psiconeuróticos (cf. a alusão ao grito de “Natureza! Natureza!” do paciente de dezoito anos), depararia com as mesmas críticas; e já me estava preparando para enfrentá-las com o mesmo escárnio (p.682).

Por mais que Freud relate apenas um sonho, e o conteúdo sexual seja amplamente manifesto e pertencente à teoria produzida pelo autor, vê-se que a sexualidade está presente no elo de identificação entre as duas pessoas identificadas.

Outra ligação visível da identificação com o desejo e a sexualidade é encontrada no capítulo IX, *Atos Casuais e Sintomáticos*, de *Sobre a Psicopatologia*

da Vida Cotidiana. Freud (1901/1996) discorre sobre atos comuns que possuem alguma intenção inconsciente, porém não são percebidos como tal e ainda são apoiados por uma intenção consciente. Diz que esses atos são comumente percebidos no tratamento dos neuróticos e cita alguns exemplos. O terceiro desses exemplos tem a justificativa de ilustrar a relação entre um ato simbólico produzido pela força do hábito e os aspectos íntimos da vida de uma pessoa. Reproduz um caso relatado por Ernest Jones: um dia, um médico, ao rearrumar a mobília de seu consultório, encontrou um estetoscópio simples de madeira e por um instante pensou onde poderia colocá-lo. Resolveu posicioná-lo na mesa entre sua cadeira e a cadeira destinada aos pacientes. O fato era bizarro por dois motivos: o primeiro, que ele não utilizava mais um aparelho como esse, pois era neurologista e salvo as raras ocasiões nas quais fazia uso de um estetoscópio, utilizava um modelo duplo; já o segundo referia-se ao lugar onde guardava seus aparelhos de trabalho, sempre em gavetas, jamais expondo-os. Um dia, uma paciente o indagou acerca da função, utilidade e posição deste aparelho. O médico ficou intrigado, pois nunca havia pensado nisso. Tendo contato com a psicanálise e após uma breve análise descobriu que este aparelho lembrava-lhe um médico pelo qual tinha muita afeição quando ele mesmo era residente e também se recordava de outro médico presente em sua infância e por quem havia destinado várias fantasias homossexuais. Os dois médicos andavam sempre com este modelo de estetoscópio, sendo que o segundo guardava-o no chapéu. Também teve várias outras associações, como quando contava com oito anos e ouvira um amigo dizendo que os médicos dormiam com suas pacientes. Ele mesmo tornara-se médico e já havia se apaixonado por duas pacientes, casando-se com a última. Freud (1901/1996), então, justifica a escolha profissional deste médico com base em uma identificação inconsciente: "Tampouco há alguma dúvida de que sua identificação inconsciente com esse médico foi a razão principal de ele optar pela profissão médica" (p. 198).

Dois pontos deste caso nos são sinalizados. O primeiro diz respeito ao adjetivo inconsciente referido à identificação, indicando-nos que este processo não atinge a consciência. O outro trata-se da sexualidade como originadora do elo identificatório. Até aqui nos coube mostrar que muitos dos escritos de Freud relacionados à identificação conserva este ponto comum que é a sexualidade.

Mas sexualidade de quem? É interessante notar que esses exemplos trazem a sexualidade do sujeito em relação com a sexualidade do outro. Do ponto de vista

da Teoria da Sedução Generalizada, a sexualidade do outro adulto é introduzida na criança, a qual buscará, através de seus recursos disponíveis, formas de traduzi-la. Parece-nos que a identificação comporta, por tratar-se de ligação com algum aspecto da sexualidade, uma ligação próxima com a tentativa de elaboração do sujeito sobre algo que o pressiona, que exige, assim algo como um trabalho, essa tradução-destrução. Se pensarmos que a TSG propõe que a base das mensagens enigmáticas dirigidas à criança é a sexualidade infantil, descentralizada do adulto, pode-se dizer que há uma relação entre a identificação e a sexualidade. Após a compreensão da identificação como efeito do processo tradutivo, estas relações ficarão mais claras.

Caminhemos um pouco mais nas análises desta hipótese.

Se há algo que exige este trabalho, o que seria? Porque o ego realiza a identificação? É sobre isto que voltaremos posteriormente.

3.3 OS MITOS E A IDENTIFICAÇÃO

Concentraremos, neste momento, nas identificações que denominamos mais estruturantes no pensamento freudiano, tais como foram descritas no primeiro capítulo, em relação aos mitos que Freud utiliza para teorizá-las.

Vimos como a identificação primária, ela mesma quase um mito psicanalítico, está relacionada com o mito da horda primitiva. Este mito, exposto por Freud (1913/1980) em *Totem e Tabu*, e denominado por ele de ficção antropológica, narra os tempos primevos da humanidade, quando inicialmente os homens viviam em bandos, obedecendo a um só homem: o pai primevo. Este é descrito como extremamente violento, detentor de todo o poder, possuindo todas as mulheres do bando para si e expulsando os filhos crescidos. Os filhos expulsos, em algum momento, reúnem-se, voltam ao bando, assassinam o pai e o devoram em um grande banquete totêmico. Contudo, depois do ato realizado, os irmãos se reconhecem como iguais, cúmplices do mesmo crime, elegem o pai morto como ideal, como algo sagrado e portador das proibições. Assim, instaura-se o tempo da coletividade, e a referência paterna torna-se uma figura simbólica de renúncia a satisfações desmedidas (Maranhão, 2005). Este autor, citando Gianetti, mostra

como a paternidade é um conceito *après-coup*, pois somente depois do pai morto é que ele se torna divinizado.

Assim, diante da morte paterna, os irmãos, culpados, instituíram os dois tabus essenciais do totemismo - a proibição do homicídio e a do incesto. Freud (1913/1996) iguala estas proibições aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo.

Bem, a identificação primária, está em íntima ligação com este pai primevo e sem relação com nenhum investimento objetal, pois aquela se daria antes de qualquer investimento, resultando na instância do ego ideal, como já observamos.

A identificação, ou melhor, as identificações, resultantes do complexo de Édipo, também estão referidas a um mito e à castração. Na conferência XXI, *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud (1917/1996) resume o mito grego do rei Édipo, que, por forças do destino, matou seu pai e casou-se com a mãe e, ao ver que a decisão do oráculo aconteceu, apesar de sua luta para que ela não viesse a se cumprir, cegou-se.

Freud considera o complexo de Édipo como um esquema filogenético e/ou uma fantasia que terá como consequência a identidade sexual através das identificações resultantes do complexo.

Percebemos que a descrição das principais identificações em Freud tem como aliado um mito, o qual explica a situação vivida, segundo Freud, a partir de uma herança filogenética; contudo, sempre que um mito é chamado para explicar, através de metáforas, as situações estruturantes para Freud, o que se nota é a identificação como resultante deste processo.

Vimos na Teoria da Sedução Generalizada que os mitos são analisados de forma contrária à sua utilização em Freud, pois se este tende explicar uma situação universal a partir do mito, Laplanche (1999) nos fala que os mitos servem para organizar as angústias, os enigmas desta situação, e não apenas para comprovar a existência de uma situação pela qual todos passam. Os mitos servem para explicar e historicizar as mensagens recebidas pela criança através da sedução de um adulto. Laplanche (1999) afirma sobre o uso do mito em Freud:

O mito, Freud o disse bem, não carrega a marca da censura. Bem mais, da minha parte eu acrescentaria, ele se situa necessariamente do lado da censura. Longe de ser

sexual, a formação mito-simbólica é isto que se propõe para enquadrar, ligar, e finalmente, recalcar o sexual (p. 290).²¹

Qual será, então, a relação existente entre os mitos, a identificação e a sedução?

Parece-nos uma enorme coincidência que as identificações estruturantes encontrem-se, praticamente, sempre ao lado dos mitos, como resultantes deles. Se os mitos, na visão laplancheana, encontram-se do lado do recalcador, a identificação também estaria do lado do recalcador?

Em Freud, nos parece visível esta postulação da identificação como processo recalcador, pois ela substitui um investimento abandonado, reprimido. Ainda, em Freud, a identificação situa-se como um processo dessexualizador. Mas o mito, em Freud, não está ao lado do recalcante, está sim do lado do recalcado, pois nele situa a explicação dos desejos inconscientes e reprimidos.

Se para Laplanche os mitos vêm organizar e explicar estas primeiras mensagens, parece-nos que a identificação também viria a ser uma maneira de o sujeito explicar e traduzir tais enigmas. É sobre este ponto que trabalharemos em seguida.

3.4 IDENTIFICAÇÃO COMO TENTATIVA DE ELABORAR A SEDUÇÃO

Neste subitem abordaremos a hipótese do nosso trabalho, com vistas a elucidar as ligações existentes entre o processo identificatório e o processo de tradução da sedução generalizada. Primeiramente, enfocaremos os conceitos teóricos de pulsão e os fundamentos da constituição do ego, nas visões de Freud e Laplanche, tendo como interlocutores e comentadores Bleichmar e Ribeiro, além de outros que pontuam contribuições importantes.

Desse modo se faz necessário retornar ao momento fundante do aparelho psíquico para acedermos às condições de ligação produzidas pelo ego. Antes dessa

²¹ Le mythe, Freud l'a bien dit, ne port pas la marque de la censure. Bien plus, ajouterai-je pour ma part, il se situe nécessairement *du côté* de la censure. Loin d'être sexuelle, la formation mythosymbolique est ce qui se propose pour encadrer, lier, et finalement refouler le sexual.

etapa, é fundamental entendermos como a função inibidora, exercida pelo ego, dos investimentos colaterais, é um pré-requisito para o seu assentamento, a partir da identificação primária²², como instância (Bleichmar²³, 1993/1994).

Para tanto é preciso situar o tempo de surgimento da pulsão, pois, segundo Bleichmar (1993/1994), ele é anterior ao ataque das representações-coisa, as quais se situam isoladamente e alheias à comunicação, sobre o ego.

A partir do momento em que há inscrição, e mesmo antes de que o recalçamento fixe a pulsão ao inconsciente, sua ação atacante propicia movimentos compulsivos, evacuativos, necessariamente falidos em função de que sua energia não é passível de ser evacuada - em virtude de que seu caráter já não é somático e não pode resolver suas tensões mediante o objeto autoconservativo. Antes de que se institua o recalçamento originário, antes de que o ego cumpra suas funções de inibição e de ligação, a intrusão do sexual deixa a cria humana entregue a remanescentes excitatórios cujo destino deverá encontrar resolução a partir de conexões e de derivações que constituirão modos defensivos precoces (Bleichmar, 1993/1994, p. 25).

Bleichmar (1993/1994) esclarece a origem da pulsão através de uma explicação metapsicológica:

O fato de que haja uma energia somática que se torna energia psíquica - em princípio sexual - é efeito da intervenção de um comutador não existente no organismo como tal, senão no encontro com o objeto sexual oferecido pelo outro. O comutador está no movimento que leva a que, na busca do nutrição, o bebê encontre com o seio - objeto sexual inicial, na medida em que é oferecido pelo outro humano provido de inconsciente. É este objeto, em princípio, quem inunda de uma energia não-qualificada propiciando, no real vivente, um traumatismo, no sentido extenso do termo, já que rompe algo da ordem somática pelas linhas do sexual. Só concebendo a fonte da

²² A identificação primária é entendida por Bleichmar como identificação ao seio e, posteriormente, a mãe.

²³ Utilizaremos neste tópico, como também em outros, as contribuições de Silva Bleichmar, uma das grandes seguidoras da TSG.

pulsão no objeto - objeto sexual oferecido pelo semelhante - e a meta, no prazer do órgão, torna-se possível intercalar a zona erógena como essa zona de abertura pela qual a quantidade exterior, estímulo, consegue comutar-se em excitação, em quantidade endógena. Seguindo Laplanche, diremos que é do lado da sedução originária onde se deve buscar a origem da pulsão, levando em conta que esta sedução implica que a criança seja submetida a uma intrusão representacional e econômica, que dá origem ao objeto-fonte, a partir do fato de que a mãe propõe mensagens desqualificadas, com "um sentido ignorado de si mesma" porque são subtraídas a seu próprio ego, já que são efeito de seu próprio inconsciente - inconsciente cujas inscrições pulsantes a própria mãe desconhece (p. 23).

Ribeiro (2000) salienta, como podemos notar a partir da primeira citação de Bleichmar, que a ideia principal presente na concepção da autora, e que está em desacordo com a proposta laplancheana da pulsão, é a existência de um ataque pulsional anterior ao recalçamento originário e a constituição do eu e, logo, de suas funções de inibição e ligação. Laplanche (1983/1988) afirma que a pulsão "é o impacto sobre o indivíduo e sobre o Ego da estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fonte da pulsão" (p.80). Percebe-se, segundo Ribeiro (2000), que a divergência fundamental situa-se na existência anterior ou posterior da pulsão frente ao recalçamento e à constituição do eu. Em Bleichmar a pulsão é anterior e, em Laplanche, posterior à constituição do recalçamento e do eu. Mas esclarecemos que há concordância entre Bleichmar e Laplanche sobre a pulsão ter sua origem na sedução originária. Ribeiro (2000) discorda da ideia da presença da pulsão antes da constituição do ego, pois afirma que se ainda não existe esta instância psíquica, a pulsão nada poderia atacar, já que a ideia de ataque pressupõe a de defesa, porém, se não há um eu formado, sendo o eu responsável pelas formas de defesa do ser humano, é impossível que ele se defenda. Apesar da refutação de uma pulsão antecedente ao eu, Ribeiro (2000) admite a existência de uma excitação excessiva anterior ao eu, contudo, sem um caráter pulsional, sexual.

Essas diferenças implicam mudanças metapsicológicas importantes nas conceituações sobre a origem do psiquismo na teoria psicanalítica, uma vez que,

para dar conta das excitações pré-recalcamento, Bleichmar irá propor a função narcisante da mãe, que, embora reconhecida por Laplanche, não tenha adquirido em sua Teoria da Sedução Generalizada um papel acentuado. (Ribeiro, 2000).

Vejam os esta proposta em Bleichmar. Para retornar a este momento fundante, Bleichmar (1993/1994) afirma que o seio proporcionado ao bebê, ao mesmo tempo em que acalma a necessidade, precipita-se como objeto sexual "traumático, excitante, pulsante" (p.26). Deste encontro, o resto excitatório deve viabilizar uma via de descarga através de um investimento colateral de representações (Bleichmar, 1993/1994). O conceito de investimento colateral pode ser verificado no *Projeto para uma psicologia* de 1885. Antes de nos ocuparmos dele, é necessário trazer à tona o conceito de eu/ego, proposto por Freud, no *Projeto*.

Para Freud (1895/1996), o ego é formado, primeiramente, através da energia endógena. Segundo Garcia-Roza (1996) o eu organizado formou-se a partir de um "lugar" (não pensemos em sentido tópico) dominado por excitações desorganizadas. E o eu nasce justamente da energia ligada. Em outras palavras, utilizando a linguagem do *Projeto*, no início, havia apenas a energia livre, energia que transitava através dos neurônios com barreiras de contato de menor resistência para atingir a descarga. Com a inserção da ideia da atração de neurônios por neurônios investidos devido à simultaneidade ou proximidade, criando um conjunto mais unificado, a energia tende a se mover para este complexo de forças, desviando-se, assim, do caminho original; tem-se então a energia ligada. Portanto, o eu nasce justamente desta ligação da energia. Este desvio do percurso é denominado por Freud (1895/1996) de ocupação colateral. "Se por um lado é facilitação (pelo investimento colateral), por outro é uma dificuldade ao livre escoamento da Qn..." (Garcia-Roza, 1996, p. 150). Portanto, para este autor, o eu, no *Projeto*, nasce justamente desta ligação da energia: "O eu, portanto, não é o agente da ligação, mas um efeito dela. Não há eu anterior a ligação" (Garcia-Roza, 1996, p. 150). Segundo o autor, as primeiras ligações são sínteses passivas impedindo a livre direção de Q, posteriormente dá-se a síntese ativa, nas quais se darão as repetições diferenciais, embasadas em excitações já marcadas pela satisfação ou pela dor.

Para Bleichmar (1993/1994), a energia que circula neste psiquismo principiante é uma só, mas circula de maneira diferente de acordo com os investimentos colaterais que a dividem. O autoerotismo, na visão da autora, cumpre

a função de ligação deste resto excitatório, produzido pelo encontro do bebê e do seio, através das ocupações laterais feitas pelo ego.

Outra forma de ligação da energia é propiciada pelo narcisismo materno. A mãe, que transmite a mensagem sexual para o bebê, uma energia sexual que o invade de modo traumático, o sujeita a uma abundância de energia que deve ser evacuada ou ligada. Assim: "A libido desligada, intrusiva, que penetra, será ligada inicialmente por vias colaterais, mediante este narcisismo estruturante que um vínculo amoroso propicia" (Bleichmar, 1993/1994, p. 26).

A mãe, dotada de um ego, é capaz de visualizar este bebê, do lado do pré-consciente, como um ser integrado e organizado (Bleichmar, 1994/1993). Do mesmo modo, pelo lado do bebê, ele se vê totalizado antes mesmo de o ser, como nos mostra Lacan em sua teorização acerca do estágio do espelho, que vem esclarecer a função do eu²⁴.

Lacan (1966/1998) destaca a imaturidade do filhote humano e sua incapacidade neurológica inicial. O bebê, quando se olha no espelho, encontra uma imagem virtual de si mesmo. Mas quando ele encontra essa imagem, sustentada pelo olhar do Outro, alegra-se ao ver-se unificado. Mas se esquece desta sustentação para, justamente, poder ver-se integrado. A imagem de si mesmo vem para acalmar este caos interno. É uma imagem que antecipa algo, que revela uma unidade ainda inexistente no bebê que, tenta capturar esta imagem e acaba fixando-se nela. Nas palavras de Lacan (1966/1988):

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a este termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (p.97).

A citação acima possibilita entender a diferenciação que Lacan (1966/1988) faz em seu texto, *O estágio do espelho como formador da função do eu*, do *infans* e do chimpanzé, o qual, a princípio, supera o primeiro em inteligência instrumental e coordenação. Contudo, quando o chimpanzé olha-se no espelho, ele passa a mão

²⁴ Um eu oposto ao Cogito cartesiano "Penso, logo existo", já que o eu da psicanálise não se situa no plano da consciência, mas se insere na vertente do desconhecimento de uma verdade situada no inconsciente (Lacan, 1966/1998)

por trás do objeto e, percebendo que não há nada ali, se desinteressa pela imagem. Logo, percebemos que ele não é captado por ela, como no caso humano, e, dessa forma, a imagem também não produzirá seus efeitos. Para o filhote humano, o efeito psíquico desta imagem é a formação do eu. Esta matriz simbólica²⁵, derivada da imagem tranquilizadora, é a base para a constituição do eu e ocorre antes das identificações com o outro. Esta matriz, nos diz Lacan (1966/1998), deveria ser chamada de eu - ideal, ponto de partida para as identificações secundárias.

Vejamos a definição dada por Lacan (1966/1998) do estágio do espelho:

... é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do Innenwelt para o Umwelt²⁶ gera a quadratura²⁷ inesgotável dos arrolamentos do eu (p.100).

De acordo com Sigal (2009), esta imagem gerará inúmeros desdobramentos na formação da subjetividade. Uma das principais consequências desta fase é a ativação do dinamismo pulsional, fazendo circular libido do corpo à imagem, da imagem ao eu e do eu ao mundo. Porém, não apenas alegria será proporcionada pela imagem no espelho, mas também uma certa tensão entre esta imagem e a imaturidade motora, o que é vivenciado pela criança como uma possibilidade de fragmentação. A agressividade torna-se a expressão desta tensão, primeiramente dirigida a esta imagem e depois às outras crianças. Importante também ressaltar, como nos adverte Bleichmar (1993/1994), que para que a tópica do ego se constitua é necessário que o sujeito tenha alguma representação de si mesmo, fato que é,

²⁵Segundo Sigal a matriz simbólica é o desejo da mãe, a castração materna que fornece ao filho a posição de falo. Esta nota serve apenas como esclarecimento da significação dada por Lacan à matriz simbólica e não pretende entrar na linha de discussão teórica proposta no trabalho.

²⁶ Significa, respectivamente, **ser** e **realidade**.

²⁷ Segundo Sigal: "A referência a quadratura do círculo se deve a um dos problemas clássicos, irresolúveis da antigüidade. Se travava de construir um quadro de tal forma que sua área fosse igual a área de um círculo e isto deveria ser feito com régua e compasso. A quadratura do círculo é algo impossível desde a geometria, assim como é impossível fazer coincidir a imagem do corpo com a realidade"(s/p).

entre outros, proporcionado pelo estágio do espelho e, portanto, por uma identificação materna.

Entretanto, percebemos que o estágio do espelho, proposto por Lacan, não contempla a função materna como aquela que inscreve os significantes sexuais enigmáticos na criança. Vejamos a crítica que Bleichmar (1993/1994) faz às linhas que priorizam somente o aspecto narcísico, o que supomos se enquadrar ao estágio do espelho:

Retomar a função materna como função constituinte implica não apenas diferenciar-se daquelas correntes que a reduzem no autoconservativo, senão com um estruturalismo que a concebe apenas sob o ângulo da narcisização. Recuperar o caráter de sujeito sexuado da mãe, no sentido estrito do termo, não apenas em relação à castração e suas implicações a constituição da feminilidade, senão enquanto "sexualizado", quer dizer, provido de inconsciente em que o pulsional ativa sistemas de representações que levam aos modos de encarar as manobras que os cuidados precoces do filho impõe" (p. 114).

Assim, a partir deste olhar materno totalizante e de seu narcisismo, o ego do bebê começará a se formar. Bleichmar (1993/1994) diz:

A representação totalizante que o bebê adquire no interior dos sistemas do narcisismo egóico materno será o que permitirá que a pulsão, intrusiva, atacante, encontre de início formas de ligação por vias colaterais. A rede que se sustente a partir disso possibilitará, do lado do incipiente sujeito, seguindo Freud, um sistema de ligações que, em *psí*²⁸, permita logo a constituição do ego (p. 27).

Ribeiro (2000) acrescenta sobre a formação do ego: "A importância desta função de contenção e ligação é finalmente considerada um pré-requisito para a constituição do eu e não uma função originariamente conduzida pelo eu" (p.219).

Permitam-nos transcrever um pouco mais sobre as divergências entre

²⁸ Um dos três sistemas descritos por Freud no *Projeto* e que relaciona-se com a memória.

Bleichmar e Laplanche, feitas por Ribeiro (2000), devido à importância que elas irão adquirir a respeito do processo tradutivo da sedução, o que certamente irá influenciar as construções da hipótese proposta neste trabalho:

O ponto mais interessante dessa interlocução de Silvia Bleichmar com a teoria de Laplanche é justamente a colocação em evidência do papel do outro, não somente como provedor de elementos sexuais enigmáticos e intrusivos, mas também como fornecedor de um suporte narcísico indispensável a formação do eu. Embora não seja uma conclusão expressa de forma explícita pela autora argentina, a importância por ela atribuída a esse aspecto narcisante²⁹ do adulto nos parece indicar claramente o papel de tradutor originário deste último e, conseqüentemente, sua posição de promotor do recalçamento originário (p. 219).

Voltaremos, neste mesmo capítulo, a discutir sobre esta inversão, da criança tradutora ao adulto tradutor, que é atribuída a Bleichmar por Ribeiro (2000), mas que nos parece uma hipótese pertencente principalmente a este autor.

Bleichmar (1993/1994) ao discutir os modos de transmissão das mensagens entre a mãe e a criança diz que é necessário introduzir, além do aspecto narcisante da mãe, também o autoerotismo e o inconsciente. Nas palavras da autora:

É nestas direções que sigo sustentando (...) a função do narcisismo na estruturação do ego e sua derivação do semelhante materno, mas, ao mesmo tempo, começo a trabalhar as premissas de sua constituição a partir dos modos de inscrição e de ligação que originam o entramado de base que impede que a identificação caia no vazio. Dito de outro modo, o famoso "ato único" que propicia a passagem do auto-erotismo ao narcisismo não pode ser concebido senão como um momento de salto estrutural, cujos pré-requisitos já estão em funcionamento a partir dos cuidados precoces da mãe, das ligações que ela propicia a partir da própria disrupção instaurada por sua sexualidade.

²⁹ O aspecto narcisante diz respeito ao narcisismo materno ancorado no vínculo amoroso mãe-bebê.

Mas, para isso, é necessário considerá-la como um ser em conflito, provido de inconsciente e agitado por moções de desejo enfrentadas, que abrem a possibilidade de clivagem na tópica da cria humana, cuja humanização tem seu encargo (Bleichmar, 1993/1994, p. 29).

A autora ressalta que a sexualidade humana não tem origem a partir da linguagem, mas, sim, a partir do inconsciente materno. Do mesmo modo, o ego do bebê se constitui a partir das ligações entre os sistemas de representações, feitas pelos investimentos colaterais. Contudo, este ego, no princípio, não se encontra na criança, mas está do lado materno, no outro humano. Esta mãe funciona, literalmente, como um "ego auxiliar", sendo aquela que proporciona as primeiras condições de ligação, regulação e contenção (Bleichmar, 1993/1994). A função materna, para a autora, opera em dois sentidos: propiciando a inscrição dos investimentos libidinais que dão origem aos pré-requisitos para a fundação do inconsciente e propiciando investimentos totalizantes que permitem a construção egoica.

Parece-nos que Bleichmar une tanto a concepção laplancheana quanto a lacaniana, no sentido que prioriza o inconsciente materno e as funções egoicas da mãe, respectivamente. Bleichmar segue Freud, pois este afirma (1914/1996) em *Sobre o narcisismo: uma introdução* que o ego deve ser desenvolvido, pois ele não se encontra pronto desde o início, contudo, o que está, desde sempre presente, são os instintos autoeróticos. Para que ocorra o surgimento do narcisismo, uma "ação específica" deve ser acrescentada aos instintos autoeróticos. Esta "ação específica" é o que Bleichmar (1993/1994) já havia denominado de "ato único", na citação acima. Ribeiro (2000) salienta que parece que essa ação específica é criadora, ao mesmo tempo, do narcisismo e do eu. O autor situa a ação específica na identificação feminina primária, como podemos notar:

A identificação feminina primária³⁰ funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão, mas ainda assim capaz de organizar parcialmente um auto-erotismo inteiramente marcado pela ação traumática e invasiva

³⁰ A identificação feminina primária refere-se a identificação precoce com a mãe.

da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança. Essa "nova ação psíquica" que é a identificação primária, na medida em que é incapaz de cobrir a totalidade do que foi vivenciado sob a forma auto-erótica, acarreta obrigatoriamente a formação de um resto constitutivo de um primeiro núcleo inconsciente e, conseqüentemente, inaugura a primeira oposição entre o recalcado e as forças recalcentes. Esses primeiros momentos de formação do eu se confundem, então, com um narcisismo totalmente impregnado de feminilidade, o que nos leva a pensar que não é tanto a mulher que é narcísica por excelência, como queria Freud, mas que o narcisismo é, originariamente, feminino por excelência (Ribeiro, pp. 47-48).

Percebemos, portanto, que tanto Bleichmar quanto Ribeiro caminham em uma mesma direção, já que os dois autores vêem na função materna as condições de inscrição da sexualidade e também de ligação desta pulsão através dos aspectos narcisistas³¹. Mais adiante, veremos algumas divergências destas concepções.

É com a função materna narcísica que a pulsão intrusiva encontrará meios de ligação. Sobre estas possibilidades de ligação, feitas pelo ego, nos diz Bleichmar (1993/1994):

Se aceitamos a hipótese de que são propostas à criança mensagens cuja significação não é possível recuperar já que escapam ao próprio emissor - na medida em que são efeito do inconsciente - e cujo suporte material é da ordem da economia sexual, quer dizer, energético, é indubitável que a única via possível para ligar aquilo desqualificado que recebe não radica, então, em encontrar o sentido a partir do semelhante, senão que em encontrar as vias de ligação do traumático que insiste. A partir do momento que a linguagem é constituída, em que é instaurado o recalçamento originário e em que são abertas as relações de conflito entre o pré-consciente e o inconsciente, estas vias de

³¹ É importante salientar que Ribeiro (2000) demarca este papel de unificador da pulsão implantada à identificação primária, enquanto Bleichmar não entra no mérito se há ou não identificação, pois ressalta apenas a figura da mãe. Este aspecto é bem enfocado por Ribeiro (2000), em seu livro *O Problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*, onde percorre os textos freudianos a fim de deixar claro que Freud, em seus textos, recalca a identificação feminina primária.

ligação tornar-se-ão modos de significar, quer dizer, de teorizar e de "autoteorizar", outorgando o sentido àquilo que, provido do exterior, tornou-se um interno-externo excitante (p. 36).

Segundo Bleichmar (1993/1994) apenas a partir da constituição do ego é possível que as identificações encontrem um apoio para suas instalações.

Voltando à definição de ego, em Freud, observamos que ela modifica-se, muito pouco, em 1923, no artigo *O Ego e o Id*. Freud (1923/1996) define o ego como uma instância psíquica coerente com os processos psíquicos, coordenando a motilidade e a descarga de excitações para o mundo externo e exercendo a censura sobre os sonhos e sobre as ideias incompatíveis com ele por meio da repressão. Todas as experiências do mundo externo enriquecem o ego, assim como também o contato com o mundo interno, o id, o segundo mundo externo para o ego, como já comentamos.

Ele retira libido do id e transforma as catexias objetais deste em estruturas do ego. Com a ajuda do superego, de uma maneira que ainda nos é obscura, ele se vale das experiências de época passadas armazenadas no id... Para com as duas classes de instintos, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado (Freud, 1923/1996, pp. 68-69).

Através do controle que o ego obtém da energia do id, ele vai se estruturando, mas ao mesmo tempo ocorre aí uma cilada, pois o benefício não vem sem suas consequências. O ego forma-se a partir dos investimentos abandonados do id, mas para que ele consiga abandoná-lo, geralmente ocorre uma introjeção deste objeto dentro de seu ego, modificando-o. Retornemos, mais uma vez, à citação de Freud (1923/1996): "torna possível supor que o caráter do ego é um

precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (p.42).

Este processo de introjeção do objeto abandonado no ego é também um método utilizado pelo ego para obter controle sobre o id, pois assumindo a forma do objeto pode se oferecer como objeto de amor para o id, que tinha dificuldades de se desprender de seu objeto. Então este processo constitui-se como uma transformação da libido do objeto em libido narcísica, demandando uma dessexualização e, portanto algo do gênero de uma sublimação (Freud, 1923/1996).

Vimos, no primeiro capítulo, como a introjeção assemelha-se ao conceito de identificação, mas sendo geralmente utilizada para expressar uma identificação cronológica mais antiga, assim como a incorporação, e também para designar o mecanismo mesmo do processo, sendo a identificação, seu resultado.

No artigo *É necessário queimar Melaine Klein?* Laplanche (1997b) diz que em Freud, a ideia de corpo estranho estava presente em sua obra desde o início, o que nos levaria a privilegiar a introjeção como um processo fundamental de constituição. Para o autor francês, a introjeção deve ser compreendida sob a luz dos processos descritos como traumatismo em dois tempos ou como sedução originária. Para ele, a introjeção originária é o primeiro tempo do recalçamento, mas não é o recalçamento propriamente dito. Ela é a introdução dos significantes enigmáticos, que, em um segundo tempo, o recalçamento irá isolar. Diferencia a introjeção de um mecanismo de defesa, pelo menos no primeiro tempo.

Falamos sobre a introjeção a propósito da análise de crianças para indicar seu caráter fundador na constituição do mundo interior, mas também da própria pulsão. Trata-se de algo muito diferente de um mecanismo de defesa, ainda que, secundariamente, possa aparecer como mecanismo de defesa, e entrar, então, numa certa simetria com a projeção (Laplanche, 1983/1988, p. 57).

Portanto a introjeção, forma antecedente da identificação, seria a implantação dos significantes enigmáticos do outro. Podemos pensar que a identificação, etapa definida por Freud como evolução da introjeção, seria um *après-coup* da introjeção.

Parece-nos que as primeiras introjeções coincidem com as primeiras

inscrições do significante enigmático no aparelho psíquico, depósito que não gera, inicialmente, nenhuma tentativa de tradução.

Ribeiro (2000) entende este primeiro tempo de implantação das mensagens enigmáticas um período sexual-pré-sexual, definição acordada a Laplanche, pois as excitações ultrapassam as fontes biológicas, mas ainda não possuem um caráter sexual. Este tempo de, praticamente, inexistência do outro e excitação pura, para o autor, aproxima-se do autoerotismo.

Dessa forma, antes de ser percebido como objeto pelo bebê, a presença do outro equivale às excitações que ele produz ou aplaca. Dizemos "equivale" não no sentido de que essas excitações estejam associadas ao outro, mas no sentido de que elas são a única manifestação de uma presença que não tem como ser percebida enquanto tal. Isto quer dizer que, no princípio do princípio, o mundo não seria "percebido" pelo bebê, ele simplesmente "existiria" e se "imporia" ao bebê como pura excitação (p. 221).

Essas excitações destituídas de representações, que caracterizam este tempo salientado por Ribeiro (2000), coincidem com o primeiro tempo do recalçamento originário. Seguindo este raciocínio, argumenta:

Esse ponto de vista nos leva a questionar a propriedade de se falar de mensagens enigmáticas nos primeiros momentos de constituição do sujeito psíquico, visto que ainda não há nenhum sujeito a quem essas excitações pudessem oferecer questões. Por mais carregados de sexualidade que os estímulos que a produzem parecem ser, por maior que seja seu potencial enigmático, a excitação que eles produzem não pertence a ninguém capaz de interrogá-la. A suposição de Laplanche de um lactente capaz de detectar, obscuramente que seja, o investimento sexual do qual o seio é objeto por parte da mãe e, por conseguinte, capaz "desse obscuro questionamento: o que ele quer de mim, além de me amamentar, e, afinal por que ele quer me amamentar?"³², nos parece então completamente improvável, pelo menos se ele estiver

³² Frase retirada por Ribeiro (2000) do livro de Laplanche: *Nouveaux fondements*, p.125.

se referindo a um período anterior à percepção do objeto total, como parece indicar o fato de que o objeto interrogado é o seio e não a mãe (Ribeiro, 2000, p. 222).

A posição adotada por Ribeiro (2000) inverte a função de tradução. Ele acredita que, nos primeiros tempos, ao invés de a criança ser tradutora das mensagens enigmáticas, quem o faz é o adulto. É a partir dos subsídios narcísicos deste adulto que a função de tradução ocorre. Portanto, para Ribeiro (2000), há a presença de um adulto tradutor no lugar da criança tradutora de Laplanche.

É indispensável que nos posicionemos quanto às divergências descritas sobre os primeiros processos tradutivos, visto que, em decorrência desta abordagem, construiremos parte de nossa hipótese.

Discorreremos em alguns parágrafos acima a respeito da introjeção como a implantação das mensagens, sem que adquiram uma necessidade de tradução, pelo menos no primeiro tempo. Com base nesta afirmação laplancheana, acreditamos que, por mais que não haja um sujeito psíquico que as traduza, há um recebimento ou uma implantação no sujeito em formação. O aspecto de sexualidade impregnada nas mensagens vem do adulto, e o próprio Ribeiro (2000) confirma, na citação acima, a presença desta sexualidade. O fato de ela não ser traduzida inicialmente, não desconsidera o processo de sua implantação. Concordamos com a função narcisante da mãe, evidenciada por Bleichmar e Ribeiro, no sentido de que ela dará condições de ligação à criança, propiciando sua formação egoica, contudo não em um aspecto tradutivo. No artigo *Incesto e sexualidade infantil*, Laplanche (2007) salienta que a tradução é um processo que se produz depois de um tempo de espera, sendo assim, entendemos que as traduções se darão posteriormente, em um segundo tempo. Há um tempo de latência entre a implantação e a tradução: após os significantes enigmáticos estarem implantados na criança é que as mensagens começarão a ser traduzidas, no processo de formação do ego.

Não estamos de acordo com a atribuição feita a Bleichmar por Ribeiro (2000) sobre o adulto tradutor. Pensamos que sua teorização não contempla esta inversão da teoria laplancheana, mesmo que ela introduza a função narcisante da mãe. Nossa posição é sustentada por algumas ideias da autora, que já foram citadas ao longo deste subitem, mas que merecem ser lembradas: a intrusão sexual anterior à formação do ego, o sentido da ligação reside naquele que recebe o

significante e as vias de ligação se tornarão modos de traduzir apenas após o recalçamento originário.

Feitas essas considerações, seguiremos no caminho traçado por Laplanche, apoiando a ideia da criança tradutora e não do adulto tradutor. Retornemos agora a análise freudiana da identificação, para darmos prosseguimento à construção da nossa hipótese.

Freud (1923/1996) nos diz que o investimento libidinal é substituído pela identificação, e, como consequência, o sujeito introjeta o objeto em seu interior. Isto ocorre pelo fato de que, ao ser impedido de ter o objeto, há o recalque, e o sujeito o restabelece dentro de si. Há uma manutenção deste objeto, o que, segundo Freud, formará o superego.

Observamos, no texto de Freud, que as identificações são realizadas pelo ego, a partir dos investimentos do id, ou seja, do inconsciente. Há um retorno ou uma apropriação, desta libido abandonada, pelo ego. Em Bleichmar (1993/1994) essa ideia aparece quando ela sustenta que o ego tentará ligar a interrupção originada pela sexualidade materna, provida também do inconsciente materno, através de uma tentativa própria de tradução daquilo que, antes exterior, agora pulsa no interior.

Com respeito ainda ao ego, Laplanche (2007) situa o pré-consciente como sendo essencialmente o ego, que é fundado por tentativas de tradução da criança a respeito das mensagens adultas enigmáticas. O ego, no seu trabalho de tradução das mensagens, deve passá-las a uma outra linguagem.

Em Freud, encontramos o nascimento do ego nas identificações por ele realizadas. Ora, se em Laplanche o ego é fundado pelas tentativas de tradução, podemos aqui pensar em uma possível aproximação da identificação e da tradução: a identificação sendo entendida como tentativas de tradução. Bleichmar (1993/1994), como já vimos, coloca que as vias de ligação feitas pelo ego são tentativas de significar, portanto, de traduzir mensagens.

Pelo mesmo caminho, Carvalho (comunicado em palestra, 26 de abril, 2010)³³ afirma que toda tentativa de tradução é recalcante e defensiva. Ainda ressalta que a perda do objeto na criança cria um excesso, excesso que ela terá que dar conta.

³³ Palestra proferida pela Prof. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho (UFMG) para o II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Bem, se toda tradução é recalcante, e se estamos supondo que a identificação é uma forma de tradução, nossa pergunta sobre de que lado situaríamos a identificação, se ao lado do recalcante ou se ao do recalcado, nos parece respondida: ela encontra-se ao lado do recalcante.

Outro ponto que vem sustentar nossa hipótese é justamente a questão da perda de objeto salientada por Carvalho (2010). Observamos que as identificações estruturantes, em Freud, ocorrem por um abandono dos investimentos do objeto, e, se esta perda produz um excesso, este terá que ser traduzido pela criança, o que nos leva a pensar a identificação como um modo de tradução.

Entendemos que a criança faz este trabalho de tradução das mensagens sexuais emitidas pelo adulto. Se pensarmos que o que a criança traduz é o sexual, essencialmente infantil, deste adulto, permeado por seu inconsciente, estamos nos referindo a uma tradução da sexualidade de um outro que invade a criança pelo seu excesso de excitação. Assim, é possível pensar que a identificação esteja ligada à sexualidade do outro adulto. Isto nos leva em uma direção bastante diferenciada daquela exposta por Freud.

A identificação, logo, poderia ser considerada uma tentativa de tradução das mensagens sexuais deste adulto, uma forma de ligação do ego desta sexualidade implantada, ligação facilitada pelas funções totalizantes, narcisizantes da função materna, como nos apontaram Ribeiro e Bleichmar.

Laplanche (2007) nos diz que os resíduos não traduzíveis de tais mensagens, denominados representações-coisa ou objetos-fonte, permanecem no inconsciente e fazem sua exigência de trabalho constante. Agora, cabe pensarmos: a identificação diz respeito a estes significantes que foram dessignificados pelo processo de recalçamento? Ou elas dizem respeito às mensagens enigmáticas provenientes do outro e que nos atacam constantemente?

Pode-se supor que a identificação esteja remetida à tradução das mensagens enigmáticas sexuais e não relacionada diretamente aos significantes recalçados, já que Laplanche (1999) nos diz que um significante não se traduz, portanto a identificação seria um modo de tradução das mensagens e não dos significantes. Mas temos que lembrar que geralmente o processo tradutivo contém falhas, o que resulta em alguns significantes recalçados. Se pensamos que a identificação é um modo de tradução destas mensagens, ela também gerará significantes recalçados, os quais representam as falhas do processo de tradução.

Parece-nos ser um exemplo ilustrativo a análise que Freud (1910/1996) faz de Leonardo Da Vinci. Vejamos algumas de suas observações:

Como sabemos, uma decisão no sentido da homossexualidade somente se concretiza nos anos da puberdade. Quando esta decisão ocorreu no caso de Leonardo, sua identificação com o pai perdeu toda a significação para sua vida sexual mas manteve-se presente em outras esferas de atividade não-erótica....Não há dúvida de que o artista criador se considera como o pai de sua obra. Para Leonardo, o reflexo de sua identificação com o pai foi prejudicial para sua pintura. Criava a obra de arte e depois dela se desinteressava, do mesmo modo que seu pai se desinteressara por ele. O cuidado que seu pai demonstrou, mais tarde, em nada conseguiu alterar esta compulsão; porque a compulsão derivada das impressões dos primeiros anos de infância, e o que foi reprimido e se tornou inconsciente, não pode ser corrigido pelas experiências futuras (Freud, 1910/1996, p. 127).

Neste trecho podemos perceber que Freud faz referência às impressões referentes ao pai deixadas em Leonardo. Podemos supor que Leonardo, marcado por estas mensagens enigmáticas do pai, age durante a vida adulta tentando traduzi-las, através da identificação, cujo resultado é manifestado na forma como lida com sua arte. Além disso, os significantes recalçados, inconscientes, como vemos, permanecem exigindo o trabalho de tradução, que ocorre por meio da identificação.

E como ocorre o movimento de temporalização na identificação?

Laplanche (2006) nos diz que o *après-coup* comporta um movimento, em todo ser humano, de dupla direção: direção progressiva e regressiva. A primeira constitui-se por uma mensagem enigmática "a traduzir", dirigida do outro adulto para a criança. O movimento regressivo é aquele das tentativas de tradução do receptor. Também importante lembrar que o *après-coup* é um fenômeno que se dá no plano interpessoal e não no plano intrapessoal. Isto significa que o *après-coup* não se produz em um só indivíduo (lembremos o episódio contado por Freud sobre o jovem moço que comenta sobre sua ama de leite, em que o *après-coup* não está centrado apenas no jovem moço, foco dado por Freud, mas em sua relação com a ama),

porém é preciso que haja uma simultaneidade de um adulto e de uma criança.

Outro ponto essencial é a inserção da ideia de traumatismo implantada no conceito de *après-coup*. Vimos que a cena, pensada traumática, não é por si só traumática; é preciso que haja uma revivescência desta cena, seja por outros acontecimentos ou seja por sonhos e lembranças que reatualizam a vivência anterior, e, assim, adquire seu *status* traumatizante. A reativação da cena provocará, segundo Laplanche (2006), mais excitação que a própria cena vivenciada, porque justamente ela parte do interior do indivíduo. O ego é, portanto, atacado de um lado pelo qual não esperava, do interior (isto remonta a definição de Freud no *Projeto*). Para Laplanche (2006), "Então, traumatismo em dois tempos, isto quer também dizer que todo traumatismo, finalmente, todo seu segundo tempo, é autotraumatismo, traumatismo interno" (p. 54).³⁴

Também se configura como um aspecto central a ideia de que todo recalçamento, para Freud e Laplanche, é uma recusa de tradução: "É o que não é traduzido de uma etapa para outra que é recalçado" (Laplanche, 2006, pp. 58-59).

³⁵Este autor ressalta que o modelo de recalçamento é o modelo próprio da analidade.

Laplanche (2006) situa, no caso Homem dos Lobos, dois momentos de *après-coup*. O primeiro é o sonho dos lobos, momento de compreensão das mensagens enigmáticas, sonho como ataque interno, assim como o momento de análise, situação em que o paciente pode colocar em palavras o que o sonho já havia tratado de compreender.

A partir daí tentaremos analisar como a identificação pode ser entendida neste movimento de temporalização do ser humano.

O sonho do Homem dos Lobos, entendido como ataque interno e também como o momento do *après-coup*, traumatizante, é, para Freud (1918/1996), o momento da ativação da neurose infantil. O paciente lembra-se bem do sonho, todavia, sem a análise de alguns de seus aspectos, ele nada compreende. Esta incompreensão é fundamental para ampliarmos a ideia de *après-coup* para a identificação.

³⁴ Donc, traumatisme en deux temps, cela veut dire aussi que tout traumatisme, finalement, de par son second temps, est *autotraumatisme*, *traumatisme interne*.

³⁵ C'est ce qui n'est pas traduit d'une étape dans l'autre qui est refoulé.

Já nos detivemos sobre a possibilidade da identificação ser um *après-coup* da introjeção, ou seja, seria uma tentativa de tradução do sujeito, realizada pelo ego, das mensagens sexuais enigmáticas provenientes do adulto. Contudo, a identificação é algo realizado pelo sujeito, em uma situação de simultaneidade com um outro, em que os dois sujeitos encontram-se relacionados dialeticamente de maneira ativa e passiva, mas seu resultado não é reconhecido pelo sujeito. Lembremos que O. Manonni (1987/1994) afirma que a identificação é algo inconsciente, desconhecido pelo sujeito, e que apenas ele pode conhecê-la através de uma desidentificação. Portanto, a identificação não gera uma compreensão consciente da tradução, mesmo efeito gerado pelo sonho, pois o sujeito sabe o que sonhou, mas dificilmente consegue interpretar seu sonho sem uma ajuda especializada.

CAPÍTULO 4 - A HIPÓTESE DA IDENTIFICAÇÃO COMO PROCESSO TRADUTIVO NO VÍNCULO SOCIAL

Quando levantamos a hipótese da identificação como efeito do processo tradutivo do sujeito, das mensagens enigmáticas sexuais provenientes do outro, e procuramos estabelecer as ligações que nos permitiram nos aproximarmos desta hipótese, uma questão se formula: como esta hipótese se estabeleceria a partir da noção da identificação como âmago dos sentimentos sociais?

Perguntamo-nos, também, como seriam as relações da identificação em uma relação adulto-adulto. Ora, se até agora nos centramos sobre as identificações estruturantes, ou seja, decorrentes da relação adulto-criança, será que as identificações adulto-adulto também se explicariam por esta hipótese da identificação como tradução das mensagens enigmáticas?

Há tal modalidade de mensagem na vida adulta? Laplanche fala constantemente sobre a situação antropológica fundamental, ou seja, a relação criança-adulto, na qual a sedução por parte do adulto é universal, ou seja, ele enviando-lhe mensagens enigmáticas de sua própria sexualidade. Mas não há nenhuma alusão direta à relação adulto-adulto, já que a situação antropológica fundamental é prototípica pelo fato da criança, com seus recursos precários, não ter maturação suficiente para compreender estas mensagens, até porque o próprio adulto as desconhece.

Por vezes, acreditamos que seria melhor não fazer semelhante questionamento, pois assim se poderia destruir, a princípio, toda a hipótese proposta. Mas é preciso que o pesquisador coloque suas hipóteses à prova, assim como Freud também se debateu inúmeras vezes com seus adversários, imaginados por ele mesmo, com o propósito de testar suas teorias.

Laplanche (1983/1988), a respeito disso, afirma:

Pôr a teoria à prova não é procurar "aplicá-la". Aplicar uma teoria (ou uma interpretação) nunca é mais uma forma de "aderi-la" artificialmente aos fatos. Não! Pôr uma teoria à prova não é assim tão neutro, tão científico, tão desencarnado assim. É, muito pelo contrário, maltratá-la, fazê-la ranger, fazê-la aguentar as cargas mais insuportáveis; não

para destruí-la, simplesmente, mostrar sua vaidade e contradições, mas, para, de algum jeito, fazê-la "entregar a alma" (p. 39).

Assim, seguiremos pela tentativa de construções que nos levem à direção de possíveis esclarecimentos acerca das perguntas iniciais do capítulo.

Ramos (1997) nos indica que, no texto freudiano, há uma analogia entre a formação social e o indivíduo e que as construções teóricas se apoiam em dois movimentos que se completam: ora partindo do indivíduo psíquico em direção à formação social, ora do social para o individual. A ideia de identificação traz, justamente, a noção da constituição do indivíduo a partir de um modelo social, pois contempla uma interiorização do vínculo social.

O autor destaca que, em Freud, a base para a psicologia social está amparada na psicologia individual, ou seja, os elementos provocadores da união social são as moções pertencentes ao indivíduo, pois não há uma entidade unicamente social de união do grupo. Logo, é preciso que este individual se conserve para que o grupo se forme. De forma mais detalhada:

A identificação é um movimento em direção ao outro e que levará, entre outras coisas, a uma comunidade-identidade com o outro, mas ela não é um movimento motivado por um interesse pelo outro. Ao contrário, ela é um impulso que passa pelo outro, mas que se dirige ao próprio ego, egocêntrico. Na massa, entretanto, o que muda, é que este movimento egoísta é mútuo e que o encontro de cada ego que procura retirar algo de outro ego se manifesta por algo que lhe ultrapassa individualmente. Neste sentido, ainda, a massa não é um agregado de egos que se anularam uns aos outros, ao contrário, ela apenas se sustenta pela força das moções ativas de cada um deles. Em Freud o que podemos encontrar, a respeito da formação da massa, senão os próprios mecanismos da formação da individualidade? Eis que a identificação é a origem seja da individualidade seja de sua perda (Ramos, 1997, p. 136).³⁶

³⁶ L'identification est un mouvement vers l'autre et qui aboutira, entre autres choses, à une communauté-identité avec l'autre, mais elle n'est pas un mouvement motivé par l'intérêt pour l'autre. Au contraire, elle est une poussée qui passe par l'autre, mais qui s'adresse au moi propre, c'est-à-

Vejamos as teorizações de Freud a respeito da formação de grupo. Para argumentar a passagem da psicologia grupal para a individual, Freud (1921/1996) relembra o mito científico do pai da horda primeva. A partir dele, o autor pensa sobre a constituição libidinal do grupos, afirmando que os indivíduos, provavelmente, colocaram o líder do grupo no lugar de seu ideal, assim como o herói foi transformado no primeiro ideal do ego. “Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego” (Freud, 1923/1996, p. 49). Ainda:

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais — as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. — podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade (Freud, 1921/1996, p. 139).

O ideal do ego traz uma compreensão possível para a psicologia de grupo/massa, pois ele tem uma feição individual, originada a partir da herança do narcisismo, e também uma feição social, originada através do ideal de família, classe ou nação. Freud (1921/1996) afirma que o indivíduo, na situação grupal, abandona seu ideal do ego no lugar do ideal do grupo. O ideal do grupo é representado pelo líder, que é alguém em que a separação entre o ideal do ego e o ego não é tão grande, característica facilitadora para a liderança. Portanto, a estrutura libidinal do grupo é constituída pelo fato de os membros colocarem o objeto (o líder) no lugar do ideal do ego e pela identificação com este. Freud (1921/1996) explica o mecanismo da substituição do objeto pelo ideal no amor, na hipnose e nas relações grupais:

dire égoцентриque. Dans la masse, cependant, ce qui change, c'est que ce mouvement égoïste est mutuel et que la rencontre de chaque moi qui cherche à arracher quelque chose à l'autre moi se manifeste par quelque chose qui les dépasse individuellement. En ce sens, encore, la masse n'est pas un agrégat de *mois* qui se sont annulés les uns les autres, au contraire elle ne soutient que par la force des motions actives de chacun d'eux.....Mais chez lui (Freud) que pouvons-nous trouver, à titre d'explication de la formation de la masse, sinon les mécanismes mêmes de la formation de l'individualité? Voilà que l'identification est à l'origine soit de l'individualité soit de sa perte!

Estar amando baseia-se na presença simultânea de impulsos diretamente sexuais e impulsos sexuais inibidos em seus objetivos, enquanto o objeto arrasta uma parte da libido do ego narcisista do sujeito para si próprio. Trata-se de uma condição em que há lugar apenas para o ego e o objeto. A hipnose assemelha-se ao estado de estar amando por limitar-se a essas duas pessoas, mas baseia-se inteiramente em impulsos sexuais inibidos em seus objetivos e coloca o objeto no lugar do ideal do ego. O grupo multiplica esse processo; concorda com a hipnose na natureza dos instintos que o mantém unido e na substituição do ideal do ego pelo objeto, mas acrescenta a identificação com outros indivíduos, o que foi talvez, originalmente, tornado possível por terem eles a mesma relação com o objeto (p.153).

A partir desta citação é possível estabelecermos uma relação da identificação grupal com a identificação com o rival. Quando, no primeiro capítulo, a discutimos, chegamos à conclusão de que não havia um vínculo direto com o rival, mas que a identificação com ele se fundaria pelo vínculo de amor a um terceiro objeto, resultado semelhante ao que acontece nos grupos.

É através do estudo dos grupos, que chama artificiais, exército e a Igreja, que Freud (1921/1996) marcará a diferença entre a identificação do ego com um objeto ou a substituição do ideal do ego por um objeto. Afirma que no exército o soldado coloca o superior como seu ideal e se identifica com os demais soldados, mas jamais poderia se identificar com o general, sem parecer ridículo; então, vemos a identificação do ego com um objeto. Já na Igreja Católica ocorre de maneira diferente. Cristo é o ideal de todo cristão, o qual se identifica com seus semelhantes, assim como com Cristo, pois a Igreja assim exige: deve-se amar a todos como Cristo os amou. Este exemplo representa a substituição do ideal do ego por um objeto, no caso, Cristo.

Em ambos os pontos, portanto, a Igreja exige que a posição da libido fornecida pela formação grupal seja suplementada. Há que acrescentar a identificação ali onde a escolha objetal já se realizou, e o amor objetal onde há identificação (Freud, 1921/1996, p.145).

Freud (1921/1996) argumenta que os homens pertencentes a um grupo manifestam ampla dependência dos outros e necessitam constantemente ser reforçados pelos outros membros. Todos eles se influenciam, através da sugestão, definida pelo autor como "uma convicção que não está baseada na percepção e no raciocínio, mas em um vínculo erótico"(p. 138).

Portanto, os sentimentos sociais seriam resultantes de uma inversão de sentimentos, em que se efetua uma passagem da hostilidade para a afeição, através de uma identificação influenciada pela afeição a um terceiro ideal comum: "O sentimento social, assim, se baseia na inversão daquilo que a princípio constituiu um sentimento hostil em uma ligação da tonalidade positiva, da natureza de uma identificação" (Freud, 1921/1996, p. 131). Ainda:

Em ambos os processos há primeiro a presença de impulsos ciumentos e hostis que não podem conseguir satisfação, e tanto os sentimentos afetuosos quanto os sentimentos sociais de identificação surgem como formações reativas contra os impulsos agressivos reprimidos (Freud, 1922/1996, p.246).

À identificação cabe então proporcionar uma igualdade entre os membros do grupo, fato percebido na exigência da Igreja de que todos sejam amados igualmente por Cristo e dirigidos por ele.

Freud (1921/1996) afirma que a característica principal dos grupos é a existência de laços libidinais. Distingue dois laços emocionais nos grupos acima mencionados: um laço em relação ao líder e outro laço entre os membros do grupo. Essas relações entre os homens de um grupo contêm, secretamente ou manifestadamente, uma hostilidade, uma aversão que impede uma proximidade muito grande entre eles. Contudo, os sentimentos aversivos, muitas vezes, permanecem secretos ou despercebidos, devido à repressão. A antipatia pelo outro esconde uma expressão do narcisismo, do amor por si mesmo, como medida mesmo de sobrevivência e de manutenção dos comportamentos frente a uma divergência, sentida como crítica. Porém, quando este fenômeno é ampliado, a relação dual sendo substituída pela relação múltipla, ou seja, a relação grupal, os homens não manifestam esta antipatia e tendem a tolerar a diferença dos membros do grupo e, até mesmo, tornam-se, de alguma maneira, semelhantes em sua forma

de agir, uma maneira uniforme.

Para Freud (1921/1996), tal comportamento significa uma limitação do narcisismo, fato originado justamente do vínculo libidinal com os membros do grupo. No desenvolvimento da humanidade, assim como no desenvolvimento individual, o amor funciona como um elemento que civiliza, modificando o amor de si - egoísmo - em amor pelos outros - altruísmo. Na visão de Freud, este fenômeno ocorre tanto no amor heterossexual quanto no amor homossexual desviado de sua finalidade, caracterizado como a própria relação entre os membros de um mesmo grupo. O vínculo existente aí, para Freud, deriva-se de impulsos sexuais inibidos quanto à finalidade, mesmo assim mantendo seu nível de energia.

Até aqui expusemos as teorizações freudianas a respeito do movimento libidinal existente nos grupos. Façamos uma breve análise com base na Teoria da Sedução Generalizada.

Parece-nos que o ponto chave para analisarmos as identificações como base dos sentimentos sociais é a concepção proposta por Laplanche (1983/1988) de que todo ser humano é autoteorizante, ou seja, no percurso de toda sua existência tentará traduzir as mensagens que se encontram em espera de tradução. Também é imprescindível lembrar que o sujeito fará suas tentativas de tradução, através de uma reinterpretação de seu passado em vistas de sua situação presente. Estas traduções, como já mencionado, podem ser feitas através de uma reatualização ou reativação.

Em relação à identificação realizada pelos membros de um grupo, pode-se notar que o vínculo que a precede é, necessariamente, erótico, mas inibido quanto ao objetivo original, sexual. Vimos, ao longo do texto, que a identificação pressupõe uma renúncia do objetivo sexual, seja nas identificações mais ou menos estruturantes. A semelhança criada através da identificação entre os membros do grupo fornece a ideia de que todos estão traduzindo uma mesma mensagem.

Devido à importância que o ideal do ego tem na análise do grupo, façamos um breve desvio, para situar as diferenças que assumem na obra freudiana os conceitos de ego ideal, ideal do ego e superego. Este último surge a partir de 1921, enquanto que os dois primeiros são apresentados em 1914 no texto "*Sobre o Narcisismo: uma introdução*". Laplanche (1993) considera que Freud, no citado texto, não distingue de maneira conceitual os dois termos, mas também não se colocam em equivalência. O termo ideal do ego vai ter um destino curto na obra freudiana. O termo ego ideal,

para Laplanche (1993), expressa implicitamente algo que se colocaria diante do ego como um ideal, algo que deve ser alcançado. Diz que precisamente este termo encontra-se em “*Sobre o Narcisismo: uma introdução*” por estar vinculado à onipotência infantil, ou melhor, por ser o herdeiro dessa onipotência. Para Laplanche (1993): “a expectativa do ego ideal é o resultado de uma identificação - agora não tanto com a autoridade como com a onipotência materna, ou parental, na medida em que se situa num registro “pré-edipiano”” (p. 333). No texto de Freud, vemos o autor situar o ego ideal como uma formação precipitada no ego, por meio do qual ele se avalia. Esta formação é essencial para que a repressão se efetue. O ego ideal é considerado: “...substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914/1996, p. 101). Ribeiro (2000), em concordância com Laplanche, afirma que, apesar dos psicanalistas estabelecerem uma distinção entre eu ideal (estado imaginário de completude antes da castração) e ideal do eu (instância crítica), não há, nos textos freudianos, qualquer menção dessas diferenciações de forma nítida.

Pensamos que é possível aproximar os conceitos de ideal do ego e ego ideal, visto que Freud (1921) situa o primeiro como derivado da herança do narcisismo, em *Psicologia do grupo e Análise do ego*, e o segundo como substituto do narcisismo em 1914, como visto no parágrafo acima.

Assim o ideal do ego pode ser considerado como algo que se coloca diante do ego, como algo que deve ser alcançado. Podemos até mesmo pensar que é uma mensagem recebida por este ego, a qual irá gerar uma tentativa de tradução, resultando em uma identificação: “a expectativa do ego ideal é o resultado de uma identificação” (Laplanche, 1993, p. 333).

Ainda seguindo este raciocínio, temos o líder, em Freud, como aquele que é colocado no lugar do ideal do ego pelos integrantes do grupo. Talvez, seja possível pensar que o líder, assim como o ideal, transmitem uma mensagem ao grupo, mensagem que exigirá tradução, através de uma identificação entre seus membros, tornando-os semelhantes de alguma maneira.

Portanto, a ligação existente entre os indivíduos de uma mesma massa estaria pautada pelo intermédio de uma identidade virtual do líder colocado no lugar do ideal do ego. Haveria então uma relação interna entre o social e o indivíduo, e os dois, como fenômenos psíquicos, seriam inseparáveis. Haveria aí, portanto, duas estruturas que se cruzam, sempre apontando para a noção do outro virtual da

identificação. (Ramos, 1997).

Por mais que Laplanche não faça referência à relação adulto-adulto, fica muito claro que todo ser humano segue tentando decifrar as inúmeras mensagens por ele recebidas durante a infância.

Na situação adulto-adulto desaparece a relação de passividade frente às mensagens, tal como a encontramos na situação antropológica fundamental. Contudo, se o sujeito continua, sempre, a traduzir as mensagens anteriores, é possível supor que as identificações realizadas na vida adulta também obedecem ao princípio de tentativa de tradução, pois encontramos essas tentativas, muitas vezes, na construção dos sintomas histéricos e também, nas simples identificações entre membros de um grupo que, através delas, estabelecem uma igualdade.

Parece-nos que a identificação adulta comporta significantes sexuais enigmáticos, que pedem traduções muitas vezes encontradas nos objetos pelos quais se dão as ligações da libido.

Vejamos o que diz Freud (1921/1996):

...primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço (p.117).

O que nos interessa aqui é, particularmente, o terceiro sentido que Freud dá à identificação, pelo fato de que ele está se referindo, provavelmente, a uma identificação estabelecida entre duas pessoas adultas³⁷. O novo laço, não sexual em termos do manifesto, que poderá surgir, baseia-se em uma identificação a algo comum, o que faz com que uma pessoa seja capaz de identificar-se com algumas pessoas e não com outras.

³⁷ Os outros dois sentidos já foram discutidos nos capítulos anteriores. Trata-se da identificação como laço emocional e da introjeção, respectivamente.

Este elemento comum, como procuramos mostrar acima³⁸, diz respeito ao sexual, este entendido pela TSG como a sexualidade polimorfa, descentralizada, infantil e desordenada, presente sempre no adulto, em seu inconsciente. É sobre esse sexual, como vimos anteriormente, que acreditamos que as identificações adultas também se estabelecem, apesar de o vínculo social ser constituído de ligações afetivas desviadas da finalidade.

No capítulo anterior fizemos alusão ao fato de a identificação se constituir como um *après-coup* da introjeção, como uma forma de traduzir, posteriormente, as mensagens enigmáticas provenientes da implantação dos significantes enigmáticos do outro adulto. Seguindo este raciocínio nos parece que as identificações posteriores, entre adulto-adulto, também poderiam se constituir como um tempo de *après-coup* para o sujeito, em suas tentativas de tradução.

O cristão que se identifica, com outros cristãos e também com Cristo, tenta, de alguma forma, traduzir as mensagens enigmáticas que esperam tradução através desta identificação. Há quem se identifique com soldados, outros que manifestam a identificação com um outro através do sintoma e outros ainda através de uma identificação pelos gostos ou pela própria personalidade. Nesta gama imensa de maneiras de identificar-se, o sujeito procura dar um sentido, neste tempo do *après-coup*, aos enigmas que nele subsistem.

Um exemplo possível dos processos tradutivos realizados pelo sujeito adulto através da identificação pode ser notado no mecanismo do humor. Freud (1927/1996) distingue dois tipos de humor: um no qual o humorista é o próprio alvo da piada e o segundo no qual outras pessoas são o centro do humor. Para o autor, o humor é um mecanismo de recusa, produzido pelo ego, contra as exigências da realidade que o fariam sofrer. Portanto, funciona como uma defesa contra o sofrimento, um triunfo do ego, sobre a realidade externa, indicando um funcionamento pautado no princípio do prazer.

Segundo Freud (1927/1996), quando o humorista utiliza as pessoas na construção do seu humor, ele estaria colocando-se no papel do adulto, do pai, tratando as outras pessoas como crianças e rindo delas, assim como o pai ri das futilidades das crianças. Estaria ele, então, identificando-se com o pai.

³⁸ Cf. subitem 3.2 deste mesmo capítulo.

Já quando o humorista é o alvo do humor, pode-se pensar que o mecanismo preponderante é exatamente o contrário, ou seja, o humorista identificou-se com o papel da criança e, ao mesmo tempo, ocupa o papel de adulto perante ela. Para Freud (1927/1996), isso somente pode ocorrer se grande quantidade de catexia do ego for transferida para o superego, este agora hipercatexizado, e tratando o ego como uma criança frívola. A partir disso, Freud apresenta um superego bondoso e protetor, capaz de, neste caso, manter a ilusão de uma realidade não tão cruel para o ego e lhe permitir, ainda, desfrutar algum prazer. Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921/1996) diz que os chistes e o humor são formas que encontramos para consentir que o reprimido alcance o ego, aumentando o prazer.

Este exemplo nos parece válido pelo fato, justamente, de ilustrar a identificação de um adulto, o humorista, com uma criança e com o próprio adulto, os dois sendo personagens principais da situação antropológica fundamental, o que faz com que ora ele esteja identificado com o seduzido, ora com o sedutor. Por mais que aqui a identificação comporte algo de imaginário, ou seja, da criança imaginada pelo adulto e de seu próprio pai imaginado, o humorista, em seu presente, identifica-se com as duas figuras para produzir o humor. O ego do adulto humorista efetua suas identificações como um modo de tradução das mensagens que nele ainda restam enigmáticas, mas sua tradução nos parece mais eficaz, no sentido de uma identificação saudável, em comparação às identificações histéricas. Isto porque em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921/1996) faz uma comparação entre as neuroses e a formação do grupo, indicando que a passagem dos impulsos sexuais para os impulsos sexuais inibidos, através da identificação, não foi "inteiramente bem-sucedida" (na neurose ou no grupo) (p. 154).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos propor um novo olhar sobre a identificação a partir da Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche. Esta nova perspectiva se dá pelo conceito de tradução da criança frente às mensagens sexuais enigmáticas.

A proposta de uma generalização da ideia freudiana sobre o elemento comum a toda identificação histérica ser de caráter sexual teve apoio na própria teoria freudiana, principalmente nos exemplos descritos por Freud, como no entendimento do papel da sexualidade do outro indicada pela TSG. Portanto, através de um detalhado estudo teórico, entendemos que a identificação sempre se baseia em um elemento sexual proveniente do outro e que chega para o sujeito, seja uma criança ou um adulto, como forma de uma mensagem enigmática. A identificação ocorreria em um tempo posterior ao recebimento dessas mensagens, como forma de tradução. A sexualidade presente nas mensagens é a sexualidade infantil e descentralizada, e não a sexualidade genital adulta.

Visualizando como o trabalho do ego opera no processo identificatório em Freud e, ao mesmo tempo, como o ego realiza o processo de tradução, aproximamo-nos da ideia da identificação como um processo tradutivo das mensagens enigmáticas. Com base nessa proposta tradutiva, também vimos que a criança, na identificação, passa também ter um papel passivo na identificação, e não apenas ativo, como sugere Freud.

Assim, acreditamos que, do entendimento da identificação como processo tradutivo das mensagens enigmáticas do outro, surge, possivelmente, um novo modo de enxergar a importância e utilidade da identificação. Isto porque se abre novas possibilidades de visualizar os motivos inerentes a uma identificação feita pelo sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assoun, P. L. (2000). *Métapsychologie*. Paris: PUF.

Baas, B. *Freud, a realidade psíquica e a tentação do transcendental*. *Ágora* (Rio J.) [online]. 2001, vol.4, n.2, pp. 9-23. ISSN 1516-1498.

Birman, J. (1996). *Freud e Férenczi: Confrontos, Continuidades e Impasses*. In: Katz, C. S. (Org.). *Férenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Ed. 34. p. 65-90.

Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito*. (Kênia Ballvé Behr Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1993).

Dias, L. V. (2009). *Identificação e enlaçamento social: a importância do fator libidinal*. São Paulo: Escuta.

Férenczi, S. (1984). *Confusion de lengua entre los Adultos y el Niño*. Obras Completas, Psicoanálises Tomo IV, cap. IX. Madrid: Ed. Espasa-Calpe. (Obra original publicada em 1933).

Florence, J. (1994). *As identificações*. In: Maud Mannoni et al. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. (A. Roitman Trad.). Rio de Janeiro: Relume - Dumará. (Obra original publicada em 1987). p. 115-146.

Freud, S. (1995). *Projeto para uma Psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Júnior. Trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed.

Freud, S. (1996). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 1). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950 [1892-1899]).

Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 4-5). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).

Freud, S. (1996). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 6). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1901).

Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 7). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (1996). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 7). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905 [1901]).

Freud, S. (1996). *Algumas observações gerais sobre os ataques histéricos*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 9). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909 [1908]).

Freud, S. (1996). *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 11). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910).

Freud, S. (1996). *Totem e tabu*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 13). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913 [1912-1913]).

Freud, S. (1996). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 14). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S. (1996). *Os instintos e suas vicissitudes*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 14). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).

Freud, S. (1996). *Conferência XXII: O desenvolvimento da Libido e As Organizações Sexuais*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol.16). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917[1916-1917]).

Freud, S. (1996). *História de uma neurose infantil*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 17). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1918).

Freud, S. (1996). *A psicologia do grupo e a análise do ego*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 18). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1921).

Freud, S. (1996). *Alguns mecanismos neuróticos no ciúmes*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 18). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1922).

Freud, S. (1996). *O Ego e o Id*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 19). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (1996). *A dissolução do complexo de Édipo*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 19). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).

Freud, S. (1996). *O Humor*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 21). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).

Freud, S. (1996). *Conferência XXIII: Feminilidade*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 22). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em (1933[1932])).

Freud, S. (1996). *A dissecação da personalidade psíquica*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. 22). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em (1933[1932])).

Garcia-Roza, L. A. (1996). *Introdução à metapsicologia freudiana* (3. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (vol.1).

Lacan, J. (1966). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. (Trad. Vera Ribeiro). In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).

Laplanche, J. (1993). *A angústia*. (2 ed.). (A. Cabral Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).

Laplanche, J. (1992). *O Inconsciente e o Id*. (A. Cabral Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1981).

Laplanche, J. (1988). *Teoria da Sedução Generalizada: outros ensaios*. (D. Vasconcellos Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1983).

Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner. Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).

Laplanche, J. (1997a). *A teoria da sedução e o problema do outro*. In: J. Psycho-Anal. Livro anual de Psicanálise XIII. São Paulo: Editora Escuta. p 139-151.

Laplanche, J. (1997b). *Le primat de l'autre en psychanalyse: travaux 1967-1992*. (2 ed.). Paris: Flammarion.

Laplanche, J. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF.

Laplanche, J. (2006). *Problématiques VI: L'après-coup*. Paris: PUF.

Laplanche, J. (2007). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.

Maduenho, A. A. M. *O legado intersubjetivo de Freud: algumas considerações sobre o conceito de identificação e objeto*. Psyche (São Paulo), dez. 2006, vol.10, no.19, p.13-32. ISSN 1415-1138.

Manonni, O. (1994). *A desidentificação*. In: Maud Mannoni et al. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. (A. Roitman Trad.). Rio de Janeiro: Relume - Dumará. (Obra original publicada em 1987). p. 173-188.

Maranhão, B. C. C. A. *O Poderoso Chefão Ou da Paternidade como fundamento da lei em "Totem e Tabu", de Freud*. Reverso, Belo Horizonte, set. 2005, ano 27, no. 52, p. 37-42.

Mezan, R. (1996). *O símbolo e o objeto em FÉRENCZI*. In: Katz, C. S. (Org.). *FÉRENCZI: história, teoria, técnica*. São Paulo: Ed. 34. p. 91-120.

Mello (Ramos), G. A. (2009). *Duas Faces do Sujeito*. In: Tomanik, E. A.; Caniato, A. M. P., Facci & Dias, M. G. (Org.). *A constituição do sujeito e a historicidade*. Campinas, SP: Editora Alínea. p. 248- 276.

Pinheiro, M. T. (1996). *Trauma e Melancolia*. In: Katz, C. S. (Org.). *FÉRENCZI: história, teoria, técnica*. São Paulo: Ed. 34. p. 43-64.

Ramos (Mello Neto), G. A. (1997). *Le social dans la construction freudienne de la psychanalyse*. Paris: L'Harmattan.

Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.

Sigal, A M. (2009). *Formação do Eu: um estudo para ler o Estádio do Espelho*. In: *Escritos Metapsicológicos e Clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Disponível em: www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/formacao_do_eu_sigal.pdf

Souza, P. C. (1999). *As Palavras de Freud: O Vocabulário Freudiano e Suas Versões*. São Paulo: Editora Ática.